

Capítulo 1

Morte nas Águas

A água, que é símbolo da vida, flui implacável, tanto nas nossas veias quanto nos rios e oceanos. Ela possui uma dualidade inquietante. Mesmo sendo essência e renovando as forças de quem se encontra em desespero, como um oásis que surge do nada em meio a um deserto, pode também assumir a forma de tempestades furiosas ou oceanos traiçoeiros, nos arrastando para as profundezas escuras, roubando nosso último suspiro. Esse dualismo se replica por todo o universo conhecido. Tudo, desde os átomos que formam nosso corpo até as máquinas mais avançadas, pode ter dois lados: o oxigênio que nos mantém vivos pode se tornar tóxico, e uma bomba atômica, símbolo de poder supremo, tanto pode trazer progresso quanto destruição absoluta.

O que regula essas forças é a implacável lei de ação e reação. A energia que entregamos ao mundo, nas mais diferentes intensidades, retorna para nós de formas que na maioria das vezes não podemos prever. Esta é uma verdade inevitável, um ciclo eterno. O que me assombra, porém, é que não estamos isolados nessas ações. Cada escolha reverbera, afetando outros, como o movimento das ondas no oceano. Mesmo quando seguimos as regras, respeitamos os limites e vivemos de acordo com os preceitos mais aceitos, a ação ou inação de outra pessoa ou apenas as circunstâncias, podem nos arrastar para a catástrofe. Isso torna o desespero ainda mais cruel: a falta de controle total sobre nossas vidas.

Esse pensamento girava pela minha mente como uma correnteza enquanto eu andava sem rumo pelas ruas da cidade. A paisagem ao

meu redor refletia meu estado interior. O céu cinzento e carregado parecia pressionar o mundo abaixo, sufocando o pouco de luz que ousava passar pelas nuvens. O vento, carregando o cheiro forte da maresia, misturava-se ao fedor de gasolina e resíduos deixados nas calçadas e sarjetas. As ruas eram uma selva de concreto, com carros e pedestres se movendo num fluxo apressado e indiferente. Ninguém notava minha presença, e eu, perdida em minha mente, pouco me importava.

Eu era apenas a dor invisível que me consumia. A fome e a sede não eram mais necessidades básicas, mas sim uma lembrança distante, uma fúria entorpecida que se confundia com minha apatia. Minhas roupas maltrapilhas pendiam em meu corpo magro, demonstrando um abandono, uma desistência. Meus olhos, que outrora eram de um azul brilhante e vivo, agora estavam opacos, refletindo o vazio que dominava meu coração. Já não havia mais lágrimas para serem derramadas, nem emoções a serem sentidas. A morte, tão próxima, parecia uma companhia familiar, algo inevitável, aguardando apenas o momento certo.

Conforme meus pés vagavam sem destino, fui conduzida até o centro da cidade, onde prédios imponentes de aço e vidro erguiam-se como guardiões de um mundo que já não fazia sentido para mim. O centro empresarial, um lugar antes vibrante e repleto de vida, agora era apenas uma sombra de sua antiga glória. O brilho intermitente das luzes de uma ambulância perfurava a monotonia da cena ao longe, suas cores vermelhas e azuis refletindo nas janelas dos edifícios. Eu me aproximei, sentindo uma curiosidade mórbida me puxar.

A cena diante de mim era familiar em sua tragédia. Socorristas corriam freneticamente ao redor de um homem idoso, seu corpo

frágil estendido em uma maca. Seu terno, que deveria ter sido impecável, estava agora amarrado e sujo, refletindo o caos ao seu redor. Seu rosto, pálido como cera, parecia à beira da morte, e seus olhos estavam fechados como se já tivesse aceitado seu destino. A máscara de oxigênio cobria-lhe a boca, enquanto os paramédicos lutavam desesperadamente para reanimá-lo. Ao seu lado, um jovem, provavelmente seu filho, estava ajoelhado, segurando sua mão com desespero.

O rapaz, de cabelos castanhos e desalinhados, possuía olhos de mel, que pareciam ter já carregado algum brilho. Esses olhos, agora vermelhos e inchados de tanto chorar, estavam cheios de um desespero que parecia atravessar a alma. Ele segurava a mão do pai como se tentasse puxá-lo de volta da beira do abismo. Quando nossos olhares se encontraram, senti algo mexer dentro de mim, um eco distante da compaixão que eu acreditava ter perdido. A intensidade do sofrimento dele contrastava com minha aceitação amarga, e por um breve momento, fui forçada a hesitar. Uma prece silenciosa escapou dos meus lábios: que, se Deus ainda estivesse ouvindo, salvasse aquele homem.

Mas, para mim, não havia mais salvação. A única saída era o mar.

O mar, que já havia levado tudo de mim, aguardava minha chegada uma última vez. A lembrança daquele dia trágico nunca deixou minha mente. Em um instante, a felicidade, que parecia tão real e palpável, foi destruída pela força bruta da natureza. A memória ainda estava gravada em mim, tão vívida que cada detalhe parecia ter sido cravado em minha alma. O dia começara perfeito, o sol brilhando no alto, refletindo suas cores douradas no mar calmo, criando uma superfície cintilante como uma joia líquida. Nós estávamos todos no barco —

meus pais, meus irmãos, meu marido e meus filhos. As risadas inocentes das crianças cortavam o ar, enquanto o barco deslizava suavemente sobre as águas. Meus filhos, com seus cabelos loiros agitados pela brisa, corriam de um lado para o outro, deslumbrados com o vasto oceano que se estendia até onde os olhos podiam ver. Eu me lembro de cada detalhe, de cada sorriso, de cada olhar de pura alegria e paz.

Porém, como em um pesadelo que se desdobra lentamente, as coisas começaram a mudar. O céu, antes de um azul claro, foi sendo coberto por nuvens negras e densas. Um vento estranho, gelado e cortante, começou a soprar, anunciando algo terrível. Em questão de minutos, a calma se transformou em caos. O mar, antes sereno, começou a se agitar, e ondas cada vez maiores surgiam no horizonte, como monstros antigos despertando de seu sono. Lembro-me do momento em que olhei para o céu e percebi que não havia mais sol, apenas um manto cinza e ameaçador acima de nós.

A embarcação começou a balançar violentamente, jogando-nos de um lado para o outro. O riso das crianças foi substituído por gritos de medo, e meu coração disparou em pânico. Tentei segurar meus filhos, abraçá-los com força, protegê-los do que estava por vir, mas o mundo ao nosso redor estava desmoronando. As ondas gigantescas batiam contra o casco do barco com uma força indescritível, e eu sabia, no fundo, que estávamos à mercê da natureza, que éramos insignificantes diante de sua fúria.

O barco virou com um estrondo ensurcedor. Lembro-me do som da madeira rachando, do impacto brutal quando fui lançada ao mar, e da água gelada que me envolveu como um abraço mortal. Meus olhos se encheram de água salgada, meus ouvidos foram tomados pelo rugido

das ondas, e, por um momento, tudo o que pude sentir foi o desespero absoluto de uma mãe que perde seus filhos diante de seus olhos. Tentei desesperadamente alcançá-los, mas as ondas eram implacáveis, separando-nos, empurrando-nos em direções opostas.

Eu me afogava não apenas no mar, mas na dor insuportável devê-los desaparecer. Um a um, meus filhos, meu marido, meus irmãos, todos eles foram engolidos pelas águas furiosas. Suas mãos, que antes haviam segurado as minhas com tanta confiança e amor, foram arrancadas de mim, e, de repente, o mundo inteiro ficou em silêncio. Fui jogada contra uma rocha, sentindo o impacto cruel em meu corpo, mas a dor física era insignificante diante do vazio devastador que agora me consumia. Quando finalmente fui lançada de volta à praia, estava sozinha. O mar, que havia me tirado tudo, havia poupado apenas a mim, como uma cruel piada do destino.

Agora, de pé na praia deserta, eu sentia o frio da areia sob meus pés, as ondas tímidas quebrando suavemente ao redor de minhas pernas, como se soubessem o que eu estava prestes a fazer. O mar, sempre tão poderoso e impassível, me aguardava, pronto para me levar. Desta vez, eu não lutaria.

Meus pés descalços tocaram a areia fria da praia, o grão fino afundando sob meu peso. A praia estava vazia, as ondas quebrando suavemente na costa, uma sinfonia triste de despedida. O céu continuava carregado, o mar refletindo o cinza profundo das nuvens, como se soubesse da minha intenção. A brisa marítima, gelada e cortante, fazia meu corpo tremer, mas eu não me importava. Era um tremor de antecipação, de finalmente encontrar a paz.

A cada passo que dava, sentindo as ondas avançarem e recuarem ao meu redor, era como se eu sentisse as mãos do meu marido. Ele estava comigo, como sempre esteve, mas agora era apenas uma lembrança. Podia sentir seu toque, como se ele estivesse lá, me segurando, me acariciando, me possuindo com aquela intensidade carinhosa que eu tanto amava. Ele me fazia tanta falta. O sorriso dele, a maneira como me olhava, como me dava paz com o calor do seu peito... e como me tirava do eixo com seu desejo.

Essas lembranças aqueciam meu coração enquanto a água subia ao meu redor, mas não eram suficientes para me deter. Já não sentia o frio da água, nem percebia que ela chegava ao meu pescoço. As ondas quebravam acima da minha cabeça, e eu começava a engasgar. Lembrei dos meus filhos, tão pequenos, brincando na areia, correndo ao nosso redor... Eles eram a verdadeira felicidade, uma alegria pura que não existe mais. As ondas que os tinham levado agora tentavam me levar também, e eu estava pronta.

A água invadiu meus pulmões, e por um momento, a escuridão me tomou. Quando recuperei a consciência, ouvi gritos. Alguém na praia tentava me alcançar, me salvar. Mas eu não queria ser salva. Tentei afundar mais, ir mais longe, já não tinha forças para nada. Só queria que a morte viesse rápido, antes que alguém conseguisse evitar.

Finalmente, o breu voltou, e desta vez, não havia mais frio, nem dor, nem som algum. Apenas o silêncio.

Era o fim.

Capítulo 2

Pesadelo sem fim

A chuva caía fina, quase delicada, mas fria como o toque de dedos fantasmagóricos. Cada gota que tocava minha pele parecia arrancar um pedaço de mim. Meus sentidos estavam em frangalhos, e mesmo assim, ali estava eu, deitada sobre o chão úmido, os pulmões queimando como se a água estivesse dentro de mim. O ar denso, impregnado de uma névoa quase sólida, parecia distorcer o que meus olhos tentavam enxergar e dificultava ainda mais a respiração. Minhas mãos apertaram o chão úmido, uma superfície irregular e pedregosa. O ar cheirava a umidade, como se eu estivesse à beira de um oceano. Eu tentei me mover, mas o corpo parecia fraco, pesado. A dor era constante, latejante, mas não conseguia identificar a origem.

Ao redor, uma paisagem com outras pedras, negras, cobertas com algo parecido com musgo. O céu, encoberto por nuvens pesadas que permitiam uma luz fraca e opressora, como se o próprio ambiente estivesse à beira do colapso. Era impossível saber se eu estava dentro de uma caverna gigantesca ou ao ar livre, porque tudo parecia fechado, sufocante. A sensação de estar afogada, mesmo em terra firme, era real e avassaladora.

De repente, senti algo. Uma presença. Antes que pudesse reagir, uma mão áspera segurou meu rosto e começou a me esbofeteiar.

— Acorda! — a voz era impaciente, quase zombeteira. — Tá pensando que isso aqui é colônia de férias? Não é conto de fadas, e não vai ser um principezinho que vai te acordar!

Eu abri os olhos e vi uma mulher que parecia uma bruxa velha. Ela estava em cima de mim, me esbofeteando. Eu levantei os braços e comecei a me proteger, me virei com força, tentei me desvencilhar, até cair no chão. Eu estava em cima de uma espécie de cama, parecida com um colchão de água.

— Sua desgraçada! — gritei, minha voz ecoando pelo lugar enquanto sentia uma raiva súbita tomar conta de mim. Pulei em cima dela com uma força que nem sabia possuir, mas logo outras mulheres apareceram e me seguraram, arrancando-me de cima da velha antes que eu pudesse fazer algo.

Ela tinha uma aparência desoladora, seus cabelos eram longos, desgrenhados e de um grisalho opaco, como se tivessem sido expostos por anos à água salgada e ao vento sem qualquer cuidado. As mechas finas e embaraçadas pendiam em tufo desiguais, moldando seu rosto anguloso e cadavérico, onde a pele parecia quase colada aos ossos. Rugas profundas se espalhavam por toda a sua face, formando sulcos que percorriam sua testa, cantos dos olhos e em torno de sua boca fina, como rachaduras num terreno seco e abandonado.

Seus olhos eram de um cinza pálido, quase mortos, mas com um brilho de astúcia que sugeria uma mente afiada por trás de sua decrepitude. As pálpebras caídas e inchadas emolduravam esses olhos, que pareciam enxergar muito além da realidade imediata. O corpo dela era magro e encurvado, os ombros sempre inclinados para a frente, como se carregasse o peso de eras de sofrimento. As mãos eram esqueléticas, com dedos longos e tortuosos, cobertos de veias

protuberantes e unhas amareladas, que lembravam garras de algum predador ancestral. Ela vestia um manto esfarrapado e escuro, com bordas desfiadas que se arrastavam pelo chão úmido, mas por baixo, parecia haver uma espécie de proteção de couro, para suas partes, mas bem velha e surrada. A textura do tecido parecia tão antiga quanto ela, gasto e descolorido. Mas apesar de sua aparência frágil e decadente, havia algo ameaçador nela.

Antes que eu pudesse pensar, outra figura se aproximou. Era uma mulher alta, sua pele era de um tom acobreado, reluzente sob a luz fraca, como se tivesse sido constantemente banhada por um sol distante e pálido. Ela tinha traços simétricos e marcantes, com uma beleza que não se mostrava apenas em sua aparência física, mas no modo como se movia e olhava para o mundo ao seu redor. Seu rosto era firme, mas de uma suavidade que transmitia autoridade sem ter um ar de agressividade. Os olhos de Leiva eram de um tom avermelhado, que parecia captar e refletir a luz ao seu redor com uma intensidade quase hipnótica. Eles estavam sempre atentos, analisando cada detalhe ao seu redor, como se enxergassem além do que os outros percebiam.

Transparecia calma, esse seu olhar, mas também uma chama de determinação, como se nada pudesse escapar à sua percepção. Seu cabelo era longo, liso e negro como a noite sem estrelas, caindo em cascata por suas costas até a cintura, onde se confundia com os detalhes intrincados de seu traje, que parecia simples, mas funcional, feito de couro escurecido, o vestuário era reforçado nos ombros e nas laterais com hastas que não se podia descrever de que material eram, mas reluziam suavemente, dando-lhe uma aparência de resistência e prontidão para um combate. Cada detalhe em sua vestimenta parecia ter uma função específica, desde os pequenos ganchos presos ao

cinto, até as correias que firmavam as ombreiras ao redor de seu torso esguio.

Um tipo de botas altas e firmes em seus pés a preparavam para qualquer terreno, e suas mãos pareciam ter a destreza de alguém que manejava armas com a mesma facilidade com que liderava pessoas. Apesar desse tipo de armadura e da aparência austera, havia um toque de graça em como Leiva se movia. Ela possuía uma postura ereta, ombros sempre firmes, e cada passo seu dava a impressão de ser calculado, como se fosse uma dança entre o terreno e sua mente.

— Krata, já chega — disse, com a voz firme, mas sem agressividade.
— Ela ainda está assimilando tudo.

A velha bufou, mas se acalmou. Meus olhos tentavam se focar nessa que parecia ser a líder. Ela se ajoelhou ao meu lado e me ofereceu um copo que parecia feito de cristal, com uma forma arredondada. A bebida parecia água, reluzia no recipiente, cristalina e convidativa.

— Beba — ela ordenou, sua voz calma, quase maternal. — Isso vai ajudar a recuperar suas forças e clarear sua mente.

O efeito foi imediato, um alívio que tomou conta de mim. A dor e o medo começaram a desaparecer, dando lugar a uma estranha euforia. Meus lábios se curvaram num sorriso bobo, e por um momento, tudo parecia estar bem.

— Ei! Preste atenção, não apague! — a voz da mulher cortou minha breve felicidade. — O primeiro gole de água destilada é sempre o mais difícil. Se você deixar sua mente se fechar, vai ser difícil sair. E você não quer ficar presa dentro de si mesma...

Eu mal conseguia entender o que ela estava dizendo. Minha cabeça girava, e o sorriso tolo ainda permanecia em meu rosto. Ela era linda, aquela mulher. Seus olhos fixos em mim, falando algo sobre a água, mas minha mente já começava a vagar completamente. Parecia que eu estava sob o efeito de algum entorpecente pesado.

— Leiva, bate nela, sua lesada! — A velha bruxa gritou de algum lugar.

— Não, Krata — respondeu a mulher à minha frente, com a voz firme e decidida. — Você sabe que existem dois jeitos de trazer alguém de volta. E bater não é o meu estilo.

A velha mesmo contrariada, mas não insistiu. Leiva, que entendi ser seu nome, se inclinou ainda mais para mim, segurando minha cabeça entre as mãos, e me olhou profundamente nos olhos.

Então, sem dizer uma palavra, ela me beijou. Um beijo intenso, carregado de uma ternura que me tomou de surpresa. Minha mente, que antes parecia estar se afundando num mar de incertezas, foi subitamente puxada de volta à realidade. Quando ela finalmente parou, eu estava ofegante, mas consciente. Mais consciente do que antes.

— Onde estou? — perguntei, minha voz quase não saiu, trêmula.

Leiva se levantou, cruzando os braços.

— Aqui é o Planeta Neon. O mundo obscuro das águas. Você foi trazida para cá após morrer.

A palavra ecoou em minha cabeça. Morta? Como? Eu não conseguia lembrar. O sentimento de perda era profundo, mas as memórias

estavam fragmentadas, como se uma parte de mim tivesse sido arrancada.

— Não pode ser... — balbuciei, a confusão crescendo. — Como eu morri?

Krata gargalhou ao fundo, mas Leiva apenas suspirou.

— As respostas virão com o tempo. Por agora, você precisa entender que a vida aqui em Neon é diferente. A água é nossa essência, nosso guia. Mas também é nossa prisão.

— E agora? — perguntei, sem forças para continuar questionando a estranheza de tudo.

Leiva se aproximou mais uma vez, inclinando-se para me olhar nos olhos. — Agora, você precisa se levantar e seguir em frente. Temos muito o que fazer.

Ela me ofereceu a mão, e com dificuldade, aceitei sua ajuda. O mundo ao meu redor parecia mais real agora, as sombras se dissipando, revelando melhor o cenário ao nosso redor. Era um campo desolado, cercado por montanhas ao longe, e um mar negro e silencioso se estendia até onde a vista alcançava.

Antes que eu pudesse perguntar mais, Krata, resmungou algo, e Leiva se virou rapidamente para mim, como se tivesse lembrado de algo importante.

— E então, qual é o seu nome?

Pensei por um momento, a resposta perdida em algum canto da minha mente. Mas então, de repente, as palavras vieram, quase automáticas.

— Emma... Meu nome é Emma.

Leiva sorriu levemente, mas seus olhos ainda estavam cheios de mistério.

— Muito bem, Emma. Seja bem-vinda a Neon.

— Mas por que me beijou? — Ainda estava muito confusa e parecendo nem me importar com o fato de ter sido avisada sobre uma nova vida.

— A água destilada aqui é a essência desse mundo. Água pura! Ela é um estimulante para a mente, nos mantém lúcidas quando o desespero toma conta. Mas ela também pode ser letal, um veneno que nos prende para sempre em nossa própria mente, se você se perde, não consegue mais voltar a não ser que alguém a traga de volta, com fortes tapas na cabeça ou com um beijo intenso.

— Foi uma sensação muito estranha... Acho que preciso dizer... Obrigada.

— Bom, talvez seja cedo pra agradecer alguém, isso aqui é um inferno, não posso te garantir que não fizeram nada com você desacordada, nem que eu possa te ajudar no futuro, ou que eu queira.

Eu não pude entender se sua fala foi irônica, se queria me assustar ou se realmente ela disse aquilo sério. De todo modo, ela apresentou cada uma do grupo. Ela, Leiva, era a líder. A velha, que eu já tinha ouvido o nome, Krata. Anna era a mais magra, de pele escura e a única de olhos castanhos, quase mel. Shanera, a loira mais alta e de pele negra, Fanare, a loira mais baixa, Benita, a mais forte, musculosa e Kinerta, a ruiva, de olhos vermelhos.

Foi então que fez-se um som ensurdecedor que vinha de longe.

— Todas preparadas! — Leiva gritou e imediatamente todas as mulheres que estavam ali levantaram-se, formando um círculo. Pelos trajes e lanças que carregavam eu as descreveria como guerreiras, algo como amazonas da antiguidade. Eu não sabia o que fazer e fiquei no meio delas.

Naquele momento, todo ar a nossa volta se transformou em água instantaneamente. As guerreiras continuaram paradas do mesmo jeito, eu sentia como se me afogasse novamente, mas dessa vez a angústia e o medo eram muito maiores. Todas as mulheres começaram a mexer os braços com movimentos circulares. Era como se estivessem tirando a água da frente e trazendo o ar de volta. Até que, enfim, toda a água se dissipou e o ar retornou, permitindo que pudéssemos voltar a respirar. Cai no chão, com a pressão do ar voltando aos meus pulmões. Uma mulher surgiu diante de nós, saindo daquela tormenta. Parecia a personificação do poder e da elegância. Sua estatura era alta, com um corpo esguio e bem proporcionado, transmitindo uma graça natural.. Seus movimentos eram lentos e calculados, como os de alguém que não tinha pressa, pois o tempo parecia se curvar à sua vontade. Ela possuía traços finos e delicados, com uma pele alva como mármore, sem imperfeições, como se o tempo não a afetasse. Seus olhos eram de um azul gelado, quase translúcidos, penetrantes e inumanos, capazes de sondar a alma de quem cruzasse seu olhar. Seus cabelos eram longos, lisos e de um tom escuro, tão preto que parecia absorver a luz ao seu redor. Eles desciam até quase a cintura, formando ondas suaves. O contraste entre seu cabelo e a pele clara aumentava ainda mais sua aparência etérea, como se ela fosse esculpida em sombras e luz. Vestia um manto feito de um tecido azul escuro, com um brilho sutil. O material parecia fluir como água ao seu redor, movendo-se de forma quase inexplicável, moldando-se ao seu corpo com uma

perfeição impossível para qualquer tecido comum. Em alguns momentos, o azul profundo do manto dava lugar a reflexos prateados, como se houvesse correntezas ocultas fluindo por ele. Ela também vestia uma armadura ornamentada, mas com um design minimalista. As peças eram forjadas em uma espécie de metal escuro, quase negro, com detalhes em verde-esmeralda que brilhavam à luz. Em sua mão, segurava um cetro longo e esguio, de um branco brilhante e ornamentado com uma espécie de pedra verde translúcida na ponta, que parecia pulsar levemente, como se tivesse vida própria.

— Ora, ora, ora, vocês estão melhorando, guerreiras da água.

A essa altura, todas já estavam de joelhos e não olhavam para a recém-chegada. Eu continuei no chão onde estava, cada vez mais perplexa com tudo que acontecia.

— Hoje eu acordei de bom humor e resolvi vir visitá-las. — Ela vestia uma roupa imponente, uma mistura entre um traje de gala e um uniforme de proteção, num tom de azul noturno que se confundia com as nuvens negras, mas em alguns momentos refletia a luz e brilhava. Ela carregava um cetro com uma pedra verde em sua ponta e, antes que alguém dissesse alguma coisa, ficava claro pra mim que ela deveria ser alguém muito importante — Na verdade, Leiva, eu vim propor uma troca. Esse, portanto, era o nome daquela que claramente era a líder daquele grupo. Ela apenas olhou para a rainha.

— Pode se levantar... — A guerreira fez como lhe foi ordenado.

— Minha rainha, sabe que nunca me oponho a qualquer coisa que me peça.

— Então, deve saber também que apesar de muitos me acharem maligna, eu sou muito justa e nunca peço nada sem oferecer algo em troca — disse a Rainha com um falso sorriso no rosto.

— Sim, minha rainha — respondeu Leiva com uma cara de poucos amigos.

— Eu vim trazer a boa nova da morte para uma de vocês. — Todas sorriram e vibraram, se mantendo paradas no mesmo lugar, tentando se conter, mas claramente ficaram felizes com a notícia. Como alguém poderia vibrar com o aviso de morte?

— Oh, Senhora das Águas que nos abençoa, o que preciso fazer para compensar tal generosidade? — Realmente a cena parecia bem diferente aos meus olhos.

— Dessa vez, Leiva, é algo muito simples. Eu quero a eternidade daquela mulher — disse a Rainha apontando para mim. Fiquei aterrorizada, mas ainda do que já estava depois de tudo aquilo.

Leiva pareceu olhar muito surpresa, seu semblante era de alguém que tinha recebido a missão de matar o Leão da Nemeia apenas com as mãos.

— Minha Rainha, se eu puder pedir algo, gostaria de conversar com as guerreiras para decidirmos quem será contemplada. — As guerreiras olharam espantadas e a Rainha deu de ombros.

— Muito bem, sei que essa decisão poderia ser exclusivamente sua, ou mesmo minha..., mas farei como prefere, como eu disse, acordei de muito bom humor. — A Rainha riu de um jeito um tanto maquiavélico, mas um pouco estranho, quase engasgada. — Vou recuperar algumas algas mágicas que escaparam e retornarei para o Castelo, me levem a garota até lá... Sabe, às vezes gostaria de não ser

a única que pode pegá-las. Pensando bem, não gostaria não... — E a Rainha saiu mergulhando novamente numa onda que se ergueu no ar para tragá-la.

— O que você está fazendo, Leiva? E se essa mulher muda de ideia?
— Anna questionou.

— Anna, já se esqueceu que as "trocas" que a rainha proporciona sempre significam duas vantagens apenas para ela mesma? — Respondeu Leiva, fazendo outra questão de volta.

— Bom, saber negociar com a rainha foi o que lhe permitiu ser nossa líder. O que tem em mente? — Benita perguntou.

— Alguma vez a Rainha pediu uma de nós? Não! E já pensaram que isso significará o Inferno eterno para aquela menina, vivendo aqui ao lado da Rainha, para sempre? — Eu já não estava gostando nada daquela conversa.

— Espere, como assim viver pra sempre? — Era tudo muito difícil de acompanhar.

— Veja, a morte é como um teletransporte da alma, nós só nascemos uma vez e depois disso toda vez que morremos, seguimos algum caminho para algum outro planeta. Nossa corpo é reconstruído a cada morte no auge de nossa vitalidade. Porém esse planeta que estamos é como um inferno, uma espécie de prisão. Não importa como morremos, reaparecemos aqui da mesma forma que estávamos antes de morrer. Somos imortais nessa mesma realidade e não podemos fugir dela. A única forma de sairmos daqui é sendo morta pela Rainha. Por algum motivo ela controla as algas mágicas que podem, mais do que controlar a água, transformar qualquer matéria em líquido, incluindo o ar. E a única morte que não reconstrói

nosso corpo nesse planeta é quando ela nos explode, transformando em água. — Leiva explicava e minha boca aberta parecia que ia atingir o chão. Por que não ensinavam isso na escola?

— Mas o que garante a vocês que explodindo seus corpos vocês vão para outro planeta? — Questionei super segura de ter entendido tudo.

— A maioria de nós já morreu mais de uma vez e veio de mais lugares. Aprendemos que a alma não pode ser destruída. Se um corpo é destruído a alma refaz seu corpo em algum lugar. E pelas experiências que já trocamos, sofrer em uma vida e ser brutalmente assassinada é um passaporte certo para um lugar muito bom — Leiva terminou de explicar.

— Ok, entendi... eiiiiiiii, então o que está em jogo aqui é eu permanecer pra sempre mesmo nesse lugar? Não é modo de dizer?
— Agora caiu minha ficha da enrascada que eu estava.

— Exatamente — ela sabia que não tinha escolha.

Capítulo 3

As Algas Mágicas

Era um lugar incomparável, de beleza indescritível. Algo que lembrava uma redoma no meio do mar, mas não era feita de ar e sim de fogo. Chamas esverdeadas com labaredas que lutavam contra as águas e o resultado era um jogo de luz, praticamente um arco-íris com centenas de tonalidades de cor.

A Rainha das Águas se aproximou lentamente, como se a atração do fogo fosse uma força invisível, compelindo-a a avançar. Raquel começou a se despir. Não havia pressa em seus movimentos, apenas um ritual silencioso que há muito ela já conhecia. A luz verde das chamas cintilava em sua pele nua, e, ao tocar a água ao redor, cada gota se transformava em faíscas de luz. Ela estava à beira de algo grandioso, uma transição.

Foi então que as algas surgiram. As algas não eram comuns; eram antigas, criaturas mágicas e conscientes. Não eram, exatamente, como os protistas da Terra. Tinham características similares, apesar de maior complexidade celular, clorofiladas, faziam fotossíntese, produziam energia.

Uma única alga, a primeira a tocá-la, pousou suavemente em seu braço, e a dor foi imediata, penetrante. Ela gritou. Seu grito foi tão potente e alto que sacudiu as águas e fez o próprio ambiente tremer.

Uma a uma, as algas se juntaram, cobrindo-a inteira até que ela se parecesse com uma figura de outro mundo, envolta em um manto vivo e pulsante. E, mesmo enquanto cada toque lhe infligia dor, ela seguia em frente, arrastando os pés em direção às chamas verdes. Seus olhos estavam fixos no fogo. As algas a sustentavam, segurando-a como se estivessem tomando o controle do próprio movimento de seu corpo.

A dor era uma companheira íntima da Rainha; ela sabia que o poder vinha com um preço, e esse preço era um ciclo contínuo de morte e renascimento, um processo doloroso e necessário. Cada uma que tocava Raquel arrancava um fragmento de sua carne, um pedaço de

sua essência física. O corpo da Rainha se decompunha aos poucos, como uma árvore que perdia suas folhas no outono.

Já fazia muito tempo que ela havia aprendido que a morte era uma renovação, com a reconstrução do corpo físico, a cada vez que ela acontecia. Raquel já tinha passado por uma experiência de uma segunda vida em outro planeta. Era algo que ela tentava não lembrar. Mas seu aprendizado fez ela se tornar quem era. Aprendeu que quando qualquer pessoa morria, seu corpo era reconstruído com as características assimiladas pela vida anterior, mas adaptado à nova realidade, em um novo planeta. Mas em Neón, quando se morria, todas renasciam no mesmo planeta. Era diferente do que acontecia em outros locais. Somente a descarga elétrica conjunta das algas eram capazes de fazer alguém sair daquele planeta. Menos ela. Sua evolução a fazia resistente à destruição total de seu corpo, como acontecia com as outras. E ao mesmo tempo, ela se tornou influente sobre as algas, passou a controlá-las com sua mente. Ao final, acabava com uma união de vontades — dela e das algas.

Com um último passo, ela mergulhou nas chamas. A explosão de luz foi intensa, inundando o oceano em uma explosão cromática que se estendeu até os confins daquele reino aquático. O fogo não a machucou; em vez disso, foi absorvido por ela, consumido pelo corpo da Rainha. As algas, agora em completa sintonia com sua vontade, moviam-se como uma extensão de seu próprio ser. Quando as chamas desapareceram, Raquel estava diferente, mais forte, mais imponente. Ela vestiu-se de novo, agora renovada, e, com um simples gesto, as algas a carregaram em um jato, transportando-a com uma velocidade absurda até a entrada de seu castelo.

O castelo, imenso e majestoso, erguia-se à frente, com suas paredes brancas, azuis e transparentes, fluindo como paredes líquidas. A estrutura parecia viva, moldada pelo movimento incessante da água que a formava. Quando a Rainha chegou ao portão, a própria água abriu caminho para ela, criando um buraco no meio daquela parede.

Dentro do castelo, apenas algumas guardiãs patrulhavam os corredores. Mulheres imponentes, vestidas com maiôs prateados, empunhavam lanças que continham, em suas pontas, uma das algas da Rainha. Essas lanças eram feitas pela própria Rainha de uma material branco, muito resistente, que ninguém sabia de onde Raquel conseguia. Os olhos delas refletiam lealdade inabalável. Quando Raquel passou por elas, seu poder era palpável, irradiando uma força inexplicável.

— Natane, não precisarei mais dos seus serviços hoje. Avise às outras guardiãs que a noite será de folga — disse a Rainha ao chegar perto de seus aposentos, dirigindo-se a uma guardiã de quase dois metros, claramente a líder das outras. Ela se destacava naturalmente entre as demais, não apenas por sua estatura, mas pela postura e a aura de autoridade que carregava consigo. Sua pele era de um tom acinzentado, quase perolado, como se refletisse a própria água, e seus olhos tinham uma tonalidade azul-profunda, semelhante às profundezas do oceano. Eles pareciam estar sempre atentos e alertas, prontos para qualquer ameaça que pudesse surgir.

Desde tempos imemoráveis, não existiam lutas reais, um ataque, uma revolta, qualquer coisa que fosse. Conflitos eram muito mais diversões que surgiam por provocações sem sentido do que um ataque contra a Rainha. Ninguém ousaria. No entanto, permaneciam

como guardiãs, muito mais como fãs ou inibidoras da aproximação de populares, do que guardiãs.

Os cabelos de Natane eram longos e lisos, de um negro azulado que se movia como as correntes marítimas quando ela caminhava pelos corredores do palácio. Raramente ela os prendia, preferindo deixá-los soltos. Seus traços faciais eram marcantes: um rosto anguloso, queixo firme e lábios finos, sempre sérios, mas com uma expressão de lealdade inquebrantável. Quando sorria, o fazia de forma contida. Natane usava uma espécie de armadura minimalista, composta por um maiô cintilante que refletia tons de verde e azul, dando-lhe a aparência de estar sempre coberta por uma fina camada de água viva. A peça se ajustava perfeitamente ao seu corpo atlético, revelando músculos tonificados pela disciplina e pelos anos de treinamento, que era algo que as guardiãs gostavam de fazer, sentiam prazer. Sua presença era mais do que física — ela dominava o espaço ao seu redor com uma confiança quase inabalável. Sua motivação, maior do que a de suas companheiras e digna do reconhecimento da Rainha, vinha de um sentimento aparentemente secreto de paixão pela figura poderosa dela.

Natane hesitou por um instante, com medo de deixar a Rainha sozinha, mas acatou com um leve aceno de cabeça.

— Sim, minha Rainha. Muito obrigada.

Raquel não perdeu tempo e passou pelas águas que protegiam sua porta pessoal. Só ela poderia abrir aquele caminho, e só ela sabia como desfazer a barreira mágica que a separava de sua privacidade. Ao entrar em seus aposentos, apontou para uma das paredes

líquidas, e uma das algas se estendeu, transformando-a em uma tela viva.

A imagem de um homem surgiu.

— A Rainha tem novidades para mim? — perguntou o homem. Aquele era Lorde Poseidon. Ele não era o típico deus dos mares como a mitologia da Terra o pintava. Ele se apresentava na forma de um homem mais velho, mas sua presença transcendia qualquer noção de envelhecimento. Suas feições eram austeras, o rosto liso e sem rugas, exceto pelos olhos — pequenos, penetrantes, mas que pareciam cheios de segredos. Eles eram como poços escuros, abismos que revelavam tanto sabedoria quanto perigo. Cada vez que os fitava, era como se ele fosse capaz de arrancar pensamentos ocultos, navegar através da mente dos outros com a mesma destreza com que governava planetas, mesmo que à distância.

Seus cabelos grisalhos caíam de maneira ordenada, com um brilho prateado quase etéreo, refletindo a luz líquida ao seu redor como a superfície de um lago calmo ao luar. Seu queixo pontudo e marcado era uma âncora de sua autoridade, firme e inabalável, mas ao mesmo tempo sugeria uma astúcia afiada. Ele parecia esculpido em uma rocha submarina, algo imutável, resistente à erosão do tempo.

Seus trajes não eram os de um monarca terrestre, e tampouco as túnicas clássicas das representações lendárias. Ele vestia algo que lembrava um manto de água condensada e fluida ao mesmo tempo, que ondulava em torno de seu corpo como correntes marinhas. A cada movimento, o manto criava reflexos verdes e azuis, como se ele estivesse envolto pelas próprias águas que comandava. Não havia joias, coroas ou adereços — ele não precisava disso. Sua presença por

si só era a marca de poder, um lembrete de que o verdadeiro poder não requer ornamentos. Ele era o oceano encarnado, majestoso e devastador.

Sua voz era baixa, quase sussurrada, mas com uma força que reverberava nas profundezas. Era o tipo de voz que não precisava de elevação para impor respeito. Quando ele falava, tudo ao redor parecia silenciar, como se temesse interromper seu discurso. Cada palavra era carregada com o peso de milênios, e, embora pudesse soar calmo, havia uma ameaça subjacente em seu tom. Não era impetuoso, movido pela ira, mas soava como uma entidade fria, calculista, e perigosamente paciente.

E então, havia seu olhar sobre Raquel. Ele não via nela uma rainha, mas uma peça em seu grande tabuleiro. Ele a manipulava, sim, mas com o cuidado de quem entende que a verdadeira arte da manipulação não é forçar, mas guiar. Ele a incentivava com promessas grandiosas, de poder e domínio. Não por bondade ou lealdade, mas porque sabia que ela era apenas um meio para alcançar seus próprios fins. Poseidon era um estrategista, um jogador cósmico que não precisava de adoração direta — ele precisava de resultados.

— Lorde Poseidon, os Templos de Fogo estão mais poderosos do que eu previa. Consegi absorver milhares de algas, muito mais do que em tentativas anteriores — respondeu Raquel, sua voz agora serena e controlada, mas não sem respeito.

— Excelente, Raquel. Isso confirma o que esperávamos. A garota realmente é quem nós acreditávamos. Mas não se esqueça, você sabe o que precisa fazer. Um único erro pode colocar tudo a perder e custar-lhe seu poder, até mesmo sua alma reconstruída. O sucesso

dessa missão fará de você não apenas Rainha, mas senhora de uma galáxia inteira de mundos aquáticos. — A voz de Poseidon reverberava pela sala.

— Farei o que for necessário, meu Lorde — disse ela, seu olhar agora fixo nos olhos de Poseidon, com determinação brilhando em suas feições.

— Não me decepcione, Raquel. Lembre-se, você tem o sangue dos Homens do Destino. Mas o destino é como uma correnteza poderosa. Nadar contra ele requer força descomunal. Estou esperando sua visita pessoalmente em breve.

Quando a imagem de Poseidon desapareceu, a Rainha ficou sozinha com seus pensamentos. Pela primeira vez em muito tempo, seus olhos brilharam como estrelas. Ela sonhava com poder, com controle total sobre seu destino e sobre o destino dos mundos que a aguardavam. Por um breve momento, ela ousou imaginar que poderia alcançar a felicidade, uma emoção que há muito lhe era negada.

Capítulo 4

A Escolhida

— Precisamos levar a garota até a Rainha, logo, Leiva! — disse uma das guerreiras, Benite. Sua voz grave, cortante como o ar frio do amanhecer. O grupo parou por um instante, as mulheres se entreolhando, seus rostos tomados por uma mistura de expectativa e desconfiança. Ao redor, as águas imóveis do lago refletiam o brilho

pálido das duas enormes estrelas no céu, enquanto o vento soprava entre nós, como se tentasse empurrar o momento.

Eu sentia o peso daquela decisão se aproximando, como um manto sufocante que me envolvia a cada segundo. Tentei desviar os olhos do olhar atento de Leiva, mas ao encontrar seus olhos, a coragem brotou de uma parte de mim que eu desconhecia. Eu disse, a voz soando mais firme do que eu esperava:

— Leiva, eu vou! Já percebi que é a única saída.

Ela sorriu. Um sorriso que era ao mesmo tempo acolhedor e cheio de segredos, como se soubesse de algo que eu ainda não compreendia. Leiva acariciou minha face, seu toque gelado, mas surpreendentemente suave, como a água nas primeiras horas do dia.

— Certo! — ela disse com serenidade — Se vamos fazer isso, vamos pelo menos levá-la pelo centro da cidade até o castelo de água. Pegamos a rota das quedas. Acredito que ela, junto da Rainha, não terá mais uma oportunidade de aproveitar a nossa única diversão por aqui.

A simples menção da "rota das quedas" pareceu iluminar os olhos das outras mulheres. Elas se agitaram levemente, e uma delas, Shanera, que até então estava em silêncio, finalmente se manifestou. Sua pele tinha um brilho profundo, escuro como a noite, e o contraste com seus olhos faiscantes e sua expressão contida lhe dava uma aparência quase irreal.

— Rota das quedas? — sua voz surpreendentemente parecia reverberar ao longe. — Precisamos que mais condenadas apareçam por aqui mais vezes.

Uma risada nervosa escapou de uma das mulheres ao lado dela, Kinerta, mas logo a guerreira ruiva tomou um leve tapa atrás da cabeça, dado por outra. Esta segunda mulher, Benita, grande e musculosa, com a pele dourada como o amanhecer e cabelos curtos e escuros, a olhava com repreensão.

— Controle-se. — disse, sua voz ríspida. — Não consigo ter paciência para essas brincadeiras.

Fomos caminhando. Eu observava tudo, mas minha mente estava longe. Algo dentro de mim se agitava com uma ansiedade latente, algo que eu não conseguia nomear, mas que apertava meu peito. Olhei ao redor, procurando por algo que me ancorasse naquela realidade. Minhas mãos tremiam levemente enquanto tentava me concentrar nas faces das guerreiras ao meu redor. Cada uma delas parecia esculpida por uma mão divina, perfeitas em sua forma e traços. Me perguntei, naquele momento, como eu parecia agora, neste novo corpo, nesta nova vida.

De repente, senti a necessidade de ver meu próprio reflexo. Fui até a borda do lago, tentando me enxergar nas águas calmas, mas a superfície, de alguma forma, recusava-se a refletir minha imagem.

— Olha só pra ela, — zombou Krata, sua voz levemente sarcástica. — Já ficou doidinha, coitada! Tá olhando pra água como se fosse um bicho querendo atacar.

Meu rosto esquentou de vergonha, mas logo rebati, tentando mascarar meu desconforto:

— Eu só queria ver meu reflexo, saber como estou... Tantas mulheres tão lindas. Pensei que talvez fosse alguma coisa desse mundo que nos deixasse assim. Por que não consigo ver meu reflexo?

Leiva, que até então mantinha-se à frente do grupo, virou-se para mim. Ela me olhou com seus olhos penetrantes, profundos, como se enxergasse algo além do físico, e respondeu com uma tranquilidade que me surpreendeu.

— Esse é um dos castigos deste mundo — ela disse, sua voz agora mais grave, quase triste. — Ele nos melhora em aparência física, de acordo com nossos maiores desejos de aparência que já tivemos um dia, nos faz mais belas do que jamais fomos em nossas vidas anteriores. Ele corrige o que achamos como defeitos, os detalhes que nos incomodavam. Mas, ironicamente, não há reflexos aqui, a luz não retorna nossa imagem, mesmo na água. Nenhuma de nós pode ver como nos tornamos, como se nossa nova forma fosse algo proibido, um mistério que jamais será desvendado por nós mesmas. O pior é que não há sexo oposto aqui, todas somos mulheres. Mesmo havendo algumas particularidades de cada mundo original. Como a maioria vem de lógicas heterossexuais, mesmo que não haja necessidade de reprodução, ainda assim, sentimos desejos, vontades, recuperamos memórias que nos deixam vulneráveis e carentes.

Leiva suspirou, olhando para as outras mulheres com um olhar de compreensão, quase de consolo, e então começou a caminhar de novo, levando o grupo adiante. Pensei imediatamente em meu marido. Não esperava por uma nova vida, mas tinha esperança que, se houvesse, poderia ir para junto dele e de meus filhos. Aquilo tudo parecia algo muito irreal e distante. Talvez nem se eu estivesse sonhando conseguiria imaginar aquele cenário. Realmente seria muito bom ter seu carinho, seu afago, seu olhar amoroso. Pelo que

eu tinha entendido, ficar com a Rainha seria uma sentença de nunca mais ter sequer a chance de poder reencontrá-los.

Enquanto caminhávamos, ela continuava a falar, seu tom carregado de uma sabedoria amarga:

— Não temos tecnologia aqui. Tudo o que possuímos é rudimentar. Sem árvores, sem madeira. A vegetação é rasteira, inapropriada para qualquer construção ou uso que conhecemos. Não há metais, e os elementos naturais são limitados. Vivemos num ciclo constante de fome, mas não podemos comer. Nossa corpo não aceita alimento algum, e quem tenta, encontra apenas dor. A Rainha é a única que consegue de alguma forma criar alguns elementos mais próximos do que conhecemos de estruturas para armas, para itens que possam ser manipulados e úteis, próximos do que trazemos de memórias de nossas vidas anteriores.

Ela fez uma pausa, e em seguida contou a história sobre uma “Ogra”, uma gigante de uma cidade distante, que arrancou os braços de uma mulher e tentou devorá-los. O resultado foi uma morte agonizante, mas a ressuscitação inevitável de ambas logo depois. Este mundo não permitia nem mesmo o alívio da morte completa.

— Além de nós, as únicas criaturas aqui são as algas, — Leiva prosseguiu. — Se uma alga tocar sua pele, a dor será imensa. Um toque e você será arrastada para um estado de coma que pode durar dias, semanas, até décadas. Mesmo no coma, você sente dor, uma dor constante, como se queimasse de dentro para fora. A única que pode controlá-las é a Rainha. Ela as usa para destruir e reconstruir, e com isso, mantém seu poder.

À medida que Leiva falava, o cenário ao redor mudava. Entramos numa área mais aberta, o céu agora dominado por duas estrelas gêmeas, que banhavam o mundo com uma luz incomum, quente e suave. À frente, erguiam-se os contornos de uma cachoeira monumental, com águas que pareciam desobedecer a todas as leis da física. Elas subiam e desciam ao mesmo tempo, formando túneis de água que serpenteavam no ar, desafiando a gravidade.

Leiva sorriu.

— É aqui. A rota das quedas. Não é sempre que conseguimos vir até aqui. Aproveite, talvez seja a sua única vez.

Ela se aproximou da borda, olhou para o desfiladeiro e, com um sinal seu, as outras mulheres começaram a saltar. Eu observei cada uma delas desaparecer nas águas com graciosidade e precisão, mas hesitei. Algo dentro de mim me impedia de pular.

— Vamos, não pense demais! — gritou Leiva lá de baixo, sua voz ecoando pelas paredes de pedra.

Respirei fundo, tomei impulso e me lancei no vazio. A sensação de queda livre foi instantânea, o ar cortando meu rosto, e logo fui envolvida pelas ondas. Elas me acolheram como braços invisíveis, me jogando de um lado para o outro, subindo e descendo como se eu fosse parte daquele jogo ancestral. O impacto da água era suave e feroz ao mesmo tempo, e cada cor que me envolvia parecia pulsar com vida própria, como se o próprio mundo estivesse me testando, experimentando o que eu poderia suportar.

Conforme descíamos pelas quedas, o cenário à minha volta tornou-se uma pintura viva de luzes e cores, algo quase celestial. Mas algo

estava errado. Senti uma presença ao meu redor, algo que parecia me cercar de maneira diferente das outras. Quando olhei ao redor, vi que as outras mulheres já haviam sido lançadas para a margem, e só eu continuava presa naquele movimento circular das águas.

As ondas me apertavam, me arrastavam para baixo, e então eu a vi — uma alga, flutuando bem diante de mim. Ela não era mesmo como na minha lembrança de uma alga comum da Terra. Era... viva, pulsante, um animal, sua superfície brilhando em tons de verde e azul.

Ela se aproximou de mim com uma calma inquietante. Eu estava submersa e imóvel, o pavor subindo pela minha espinha. Era ela, o símbolo de tudo o que a Rainha controlava, e tudo o que eu deveria temer. Num impulso irracional, estendi a mão para tocá-la, mas antes que pudesse fazer algo, a alga pousou suavemente no meu nariz.

E naquele momento, foi como se o mundo inteiro tivesse parado.

Capítulo 5

Um Destino Inesperado

A escuridão me envolvia, fria e implacável, como um abraço sufocante. A pressão da água contra meu corpo era constante, um lembrete silencioso da imensidão que me cercava. A sensação de afogamento persistia, um fantasma que se recusava a desaparecer, mesmo que eu não estivesse mais na superfície. Meus pulmões ardiam, famintos por ar, mas, para minha surpresa, quando tentei respirar, o ar fluiu livremente, preenchendo meus pulmões com uma leveza inesperada.

Continuei a descer, impulsionada por uma força invisível, como uma folha levada pela correnteza. As algas, antes temidas, agora me guiavam, envolvendo-me em um abraço luminoso, como vaga-lumes em uma noite sem luar. A gruta se abriu diante de mim, um espetáculo de bioluminescência que ofuscava qualquer joia que eu já tivesse visto. Centenas, talvez milhares de algas cintilavam, criando um mosaico de cores vibrantes que dançavam em uma sinfonia silenciosa, um balé de luzes que hipnotizava meus sentidos. Era como se a própria caverna estivesse me observando, esperando algo de mim, ou de alguém dentro dela.

As algas me conduziram até uma formação rochosa, moldando-a em um trono improvisado, um altar de coral e luz. Outras se uniram, formando uma figura humana luminosa que pairou diante de mim, seus olhos brilhando com uma intensidade perturbadora, como estrelas distantes em um céu negro. Duas delas se aproximaram, tocando meus ouvidos com uma delicadeza inesperada, como o toque de uma pétala de rosa em minha pele. Não me queimaram. Senti uma conexão estranha, como se suas mentes se abrissem para a minha, um sussurro de pensamentos que ecoava em meu ser.

— Emma, — sussurrou uma voz cristalina. Elas estavam se comunicando comigo. — você chegou.

A Salvadora? Profecia? As palavras reverberaram em minha mente, ecoando em um vazio que eu não conseguia preencher. Olhei ao redor, buscando respostas naquela espécie de gruta encantada, mas encontrei apenas o brilho hipnotizante das algas e a figura luminosa que me observava parada. Aquelas que haviam se prendido em mim, pareciam reproduzir os sons de todas. Eram várias vozes diferentes, mas aquela primeira parecia ser a principal, a regente daquela orquestra de pensamentos.

— A Rainha que governa este mundo é poderosa — continuou a voz —, mas ela não pertence a este lugar. Ela foi trazida aqui para controlar Neon, e sua evolução a tornou capaz de nos manipular. Mas você, Emma, é diferente. Você é a Salvadora prometida nas escrituras antigas, a enviada pelos Deuses Primordiais do Gelo.

Aquela informação não fazia sentido nenhum para mim. Certamente não haveria nada de especial em mim. Nunca fui capaz de salvar nada nem ninguém. As plantas que eu teimava em tentar manter na minha casa, sempre acabavam morrendo. Meu marido sim, parecia ser a pessoa certa para esse tipo de coisa. Onde ele estivesse, certamente seria um herói. Eu não!

— O que é essa história de Salvadora e quem são esses Deuses Primordiais? — Minha voz falhou, um sussurro perdido na imensidão da gruta. Eu precisava saber mais, entender o papel que me fora imposto.

— Os Deuses Primordiais do Gelo são entidades ancestrais poderosas, cuja influência se estende por diversos planetas, incluindo esse, Neon. — A voz das algas preencheu o silêncio, como o eco de um canto antigo. — Embora não haja evidências de que já tenham pisado em solo neoniano, suas lendas e histórias de suas intervenções em outros mundos ecoam através das eras, transmitidas por quem renasceu aqui, carregando consigo fragmentos de memórias de suas vidas passadas. Esses deuses, em número de três, são reverenciados como guardiões do equilíbrio cósmico. Seus nomes são sussurrados com temor e admiração, e suas façanhas são contadas e recontadas há muito tempo.

— Poseidon é o Deus das Águas, é conhecido por sua sabedoria insondável e sua capacidade de manipular líquidos, com um domínio muito maior do que qualquer outro ser. Sua presença, mesmo à

distância, é sentida como uma força implacável, capaz de moldar o destino de planetas inteiros.

— Anysia é a Deusa da Floresta Cristalizada, proveniente de um planeta onde a vida floresceu em meio a “árvore de cristais”. Anysia representa a harmonia entre a natureza e a tecnologia, a beleza da criação e a busca pela sabedoria primordial. Sua influência se manifesta na flora e fauna única e raras de Neon, e sua inspiração guia aqueles que buscam conhecimento e conexão com o mundo natural.

— Astraeus é o Deus das Estrelas, manipulador de água e fogo, ele consegue criar chamas e ao mesmo tempo congelar as moléculas da combustão, rompendo conceitos de termodinâmica elementais e criando disso energia e “luz líquida e sólida”. Astraeus personifica a vastidão do cosmos e o poder da energia das estrelas. Sua influência se representa nos fenômenos celestiais de Neon e na busca pela transcendência e pela exploração do desconhecido.

— Embora os Deuses Primordiais do Gelo sejam considerados distantes e enigmáticos, suas ações moldaram o curso da história em Neon e de outros mundos. A profecia da Salvadora, que é contada como sendo vislumbrada por eles para libertar Neon do caos, de uma influência duradoura e longínqua de uma lógica de prisão, trazendo uma esperança na capacidade de um indivíduo de desafiar o destino e trazer equilíbrio ao universo. Segundo essa profecia, a Salvadora não só seria mais poderosa do que nós, os primeiros seres desse planeta, como também conseguiria, de forma natural, nos sentir, interagir, como se fosse uma de nós.

Eu ouvi tudo muito atenta. Ainda era tudo muito confuso e novo para mim.

— A Salvadora precisa encontrar sua simbiose primordial — as algas sussurraram, suas vozes ecoando em minha mente como um coro espectral. Elas me envolveram novamente, guiando-me para o fundo da gruta, onde a escuridão era ainda mais profunda. A bioluminescência iluminava o caminho, revelando uma estrutura translúcida em forma de ovo, pulsando com uma luz etérea. Dentro dela, uma criatura adormecida aguardava, sua forma apenas uma sombra indefinida.

— Toque a incubadora e desperte-o.

A antecipação me enchia de um misto de medo e curiosidade. Uma simbiose? O que isso significava? Talvez o significado daquela palavra não fosse exatamente o que eu me lembrava. Talvez um elo com algo? Que criatura se escondia dentro daquele ovo luminoso? Senti uma espécie de energia amistosa.

Hesitante, fiquei em dúvida, num primeiro momento se deveria fazer aquilo, mas acabei estendendo a mão e tocando a superfície do ovo. Um choque percorreu meu corpo, como se um raio tivesse me atingido. A criatura dentro do invólucro se agitou, seus olhos se abrindo e fixando-se nos meus. Através da membrana translúcida, pude ver seus detalhes: uma mistura de ave e réptil, com penas azuis iridescentes e detalhes em branco e vermelho. Seus olhos roxos brilhavam com uma inteligência ancestral, e eu senti uma conexão imediata, como se o conhecesse há séculos.

A criatura estendeu a pata, tocando minha mão através daquela casca fina. Uma onda de energia explodiu, rompendo o ovo em mil fragmentos luminosos. Ele saltou em minha direção, envolvendo-me em um abraço que me fez cambalear para trás. Senti meu corpo se transformar, minha pele se tornando mais resistente, meus músculos mais fortes.

Conhecimento e memórias inundaram minha mente, a história de Namos, a criatura que agora era parte de mim. Senti sua solidão, sua espera paciente através dos séculos, a esperança de encontrar sua outra metade. Ele era meu complemento, e juntos éramos um só. Mas a alegria da união se misturava com a dúvida e o medo. Eu estava pronta para essa responsabilidade?

Uma enorme confusão mental se apossou de mim. Era como se, de repente, uma tempestade se abatesse sobre minha mente, trazendo consigo conceitos que não existiam antes, lugares que eu não conhecia, traumas que me faziam sentir calafrios. Minha mente acessava bruscamente as informações, como se folheasse um livro antigo em alta velocidade. Minha visão ficou turva, ouvi um zumbido agudo, e todo meu corpo formigava. Fechei os olhos, buscando refúgio na escuridão, e aos poucos, a tempestade se acalmou. Quando os abri novamente, minha mente estava leve. Namos havia se acalmado dentro de mim, e eu me sentia estranhamente conectada a ele, como se fôssemos duas metades de um todo finalmente reunidas.

— O processo foi um sucesso — anunciam as algas, suas vozes lentas e pausadas, como o som de gotas d'água caindo em um lago tranquilo. — Agora você possui o poder de libertar este mundo, de transformar a vida de todos aqui. Mas lembre-se, Emma, o poder é uma responsabilidade. Suas escolhas moldarão o destino não só deste mundo, mas o seu próprio.

Olhei para mim mesma, agora transformada pela simbiose com Namos. Minha pele era azul como a dele, em boa parte do meu corpo, como se fosse uma segunda pele, uma armadura natural, com detalhes em branco e vermelho que pareciam veias pulsantes. Garras se projetavam de minhas mãos, prontas para defender ou atacar. Eu

era uma nova criatura, uma guerreira que deveria lutar por um mundo que sequer compreendia, ainda, completamente.

— Primeiro, você precisa se conhecer, Emma — disseram as algas, suas vozes ecoando em minha mente como um mantra. — Explore seus novos dons, aprenda a controlá-los.

Mergulhei nas águas da gruta, impulsionada por uma força desconhecida, como se as próprias águas me guiassem. Nadei com uma velocidade e agilidade sobre-humanas, explorando cada canto daquele mundo submerso. A sensação de liberdade era inebriante, mas também assustadora. Eu era poderosa, mas será que estava pronta para usar esse poder?

Ao retornar à superfície, as algas já me aguardavam, seus brilhos pulsando em expectativa, como olhos curiosos observando cada movimento meu.

— Agora, Emma, precisamos testar seu controle sobre nós — disseram elas, suas vozes agora sérias, carregadas de um peso ancestral. — Ordene que duas de nós lutem entre si.

A hesitação me paralisou por um instante. Eu não queria causar dor, mesmo que fosse apenas um teste. Mas a determinação de Namos ecoava em minha mente, me impulsionando a agir. Com um comando mental, duas algas se separaram do grupo e se enfrentaram, seus raios de energia cortando a água como lâminas invisíveis. A luta foi breve, mas brutal, e o sofrimento das algas me atingiu como um soco no estômago. Com outro comando meu, a luta cessou, e as algas se uniram novamente, curadas pela energia coletiva.

— Você realmente possui o poder, Emma — disseram as algas, suas vozes agora carregadas de uma reverência que me incomodava. — Agora, vamos encontrar as guerreiras. Elas precisam saber que a Salvadora chegou!

E assim, guiada pelas algas, nadei em direção à superfície, deixando para trás a segurança da gruta e emergindo em um mundo que me era ao mesmo tempo familiar e estranho. A cada movimento, a dúvida me corroía. Eu seria mesmo a tal da Salvadora? Mas será que eu iria mesmo salvar este mundo? Do quê? Ou será que eu estava destinada a destruí-lo? Existia, mesmo, destino?

As perguntas ecoavam em minha mente, sem respostas claras. Mas uma coisa era certa: eu não estava mais sozinha. Namos estava comigo, e juntos enfrentaríamos o que quer que o futuro nos reservasse.

Capítulo 6

O Plano

As algas seguiam contra a forte correnteza das cachoeiras invertidas, um espetáculo de desafio à gravidade que me deixava sem fôlego. A água, que antes me acolhera com suavidade, agora se transformava em um inimigo implacável, cada gota um punho que me empurrava para trás, me impedia de continuar. O rugido da água era

ensurdecedor, um trovão constante que ecoava em meus ossos, e a névoa fria me envolia, dificultando a respiração e obscurecendo minha visão. Senti um aperto no peito, uma sensação de claustrofobia que me lembrava de um pesadelo distante, de um tempo em que eu me afogava em minhas próprias angústias.

— Emma, não lute com seu corpo, mas com sua mente — a voz das algas surgiu novamente, ainda estavam comigo. Era um farol de serenidade em meio ao caos. — Ninguém pode fluir contra esse fluxo na base da força, muito menos revertê-lo, por mais poderoso que seja. Mas se você se concentrar, poderá ir, com sua mente, além do que seu corpo poder tocar, poderá alinhar o que você imagina com o comportamento dos elementos. É o primeiro passo para você conseguir controlar um líquido. Quando sua mente encontrar as estruturas da água, você poderá fazer com que ela simplesmente deixe você passar.

No momento em que parei de lutar contra o fluxo de água, fui levada por ele, como um tronco de árvore despencando de uma cachoeira. Mas, em vez de pânico, uma calma estranha me invadiu. Concentrei-me nas palavras das algas, tentando sentir a força e a leveza da água, como se ela fosse um ser vivo, com vontades e desejos próprios. E então, como se a própria água tivesse me ouvido, a correnteza se abriu, me permitindo passar. Eu podia sentir e compreender a vontade da água, como se não fosse uma matéria física, mas como se fosse parte do meu pensamento.

Emergi na superfície, ofegante, mas triunfante. As guerreiras me aguardavam na margem, seus rostos marcados pela preocupação e pelo alívio. Leiva, com sua postura sempre ereta e olhar perscrutador, me encarou com uma surpresa que não conseguiu esconder. Minha

pele azul, as garras afiadas, um tipo de couro verde escuro que cobria meu dorso — eu era a imagem viva da força e da determinação, completamente transformada.

— Novata, é você mesma? — questionou, incrédula.

— Meu nome é Emma — respondi, minha voz firme, ecoando a confiança que Namos me transmitia. — Gostaria que me chamassem pelo meu nome.

— Emma... — Leiva repetiu meu nome, como se o saboreasse. — É um nome bonito. Mas o que aconteceu com você? Como você... mudou?

Respirei fundo, reunindo coragem para compartilhar minha história.

— As algas... elas se comunicaram comigo. Disseram que sou a Salvadora, a escolhida pelos Deuses Primordiais do Gelo para libertar este mundo.

Um murmúrio de surpresa percorreu o grupo de guerreiras. Seus olhos se arregalaram, e suas expressões se transformaram em uma mistura de espanto, esperança e incredulidade.

— A Salvadora? — Shanera, a guerreira de pele escura e olhos fiscantes, deu um passo à frente. — A profecia... ela se cumpriu?

— Mas como? — Anna, a mais jovem do grupo, sua voz trêmula de emoção. — Nós esperamos por tanto tempo...

Contei a elas sobre a simbiose com Namos, sobre o conhecimento e os poderes que ele compartilhou comigo, sobre o teste com as algas

e a confirmação de meu destino. A cada palavra, a esperança crescia em seus olhos, mas também a apreensão. Elas sabiam que a luta contra a Rainha seria difícil, talvez impossível.

— E agora? — perguntou Benita, a guerreira musculosa, sua voz grave e firme. — O que faremos?

Leiva se aproximou de mim, seu olhar intenso buscando o meu.

— Emma, você realmente acredita que pode nos libertar? — perguntou ela, sua voz carregada de um peso que eu agora entendia.

— A Rainha é poderosa, e nós lutamos contra ela por séculos, sem sucesso.

— Eu não sei se posso — respondi, honestamente. — Mas sei que preciso tentar. Não posso simplesmente aceitar este destino de sofrimento e desesperança.

Leiva assentiu, um sorriso triste curvando seus lábios.

— Então, vamos lutar — disse ela, sua voz agora cheia de uma determinação que incendiou o coração de todas as guerreiras. — Vamos lutar por um futuro onde possamos viver livres, onde possamos escolher nossos próprios destinos.

Um novo vigor tomou conta do grupo. As guerreiras se reuniram em torno de Leiva, ansiosas para ouvir o plano.

— O maior trunfo ao nosso lado é que a Rainha não sabe de nada do que aconteceu — disse Leiva, sua voz agora vibrando com energia. — E temos que manter assim até o momento certo, pegá-la de surpresa. Mas com você com essa aparência... — ela fez uma pausa, me

medindo dos pés à cabeça — Existe alguma forma de você se separar do seu... simbionte?

— Sim, podemos nos separar — respondi, sentindo a conexão com Namos se fortalecer a cada palavra, como se ele estivesse me encorajando. — Mas antes, preciso que confiem em mim.

Com um pensamento, Namos se desprendeu de mim, sua forma física se materializando diante das guerreiras. Elas recuaram, surpresas com sua imponência e sua aura selvagem. Namos, com seus olhos roxos fixos em mim, parecia irradiar um comportamento tranquilo, mas eu ainda podia sentir uma leve apreensão em sua mente, um eco distante do trauma que sofrera em sua vida passada.

As guerreiras o observaram, boquiabertas. Era uma criatura singular, uma espécie de fusão harmoniosa de peixe, ave e réptil, com uma beleza selvagem que emanava poder e mistério. Suas penas, de um azul profundo como as profundezas do oceano, cintilavam com reflexos, como se capturassem a própria luz das estrelas que iluminavam Neon. Detalhes em branco e vermelho que adornavam seu corpo, criando um contraste marcante e enigmático. Seu rosto, oval e pontiagudo, lembrava o de uma ave de rapina, com um bico curto e afiado que sugeria uma natureza predadora. Seis patas poderosas, duas como pés e duas como braços, terminavam em garras afiadas, prontas para defender ou atacar. Duas outras patas, semelhantes a asas de pinguim, mas cobertas de penugens azuis, sugeriam uma capacidade de voo ou natação que desafiava as leis da física. Seu tamanho imponente, comparável ao de um urso, contrastava com a graça e a agilidade de seus movimentos. Ele se movia com a fluidez da água, cada passo calculado e preciso.

— Ele é... magnífico — sussurrou Kinerta, a guerreira ruiva, seus olhos verdes brilhando de admiração.

— E poderoso — acrescentou Benita, a mais forte do grupo, sua voz grave e respeitosa. — Sinto sua energia emanando dele como ondas.

— Mas como vamos escondê-lo? — perguntou Anna, preocupada. — Ele não pode simplesmente entrar no castelo da Rainha.

— Na verdade, pode — respondi, tocando a cabeça de Namos com carinho. — Ele pode se transformar em uma tatuagem em meu corpo. É uma das habilidades que ganhamos com a simbiose.

Namos olhou para mim, seus olhos roxos brilhando com gratidão e confiança. Com um movimento suave, ele desapareceu, sua forma se transformando em uma imagem intrincada em meu braço. Senti um aperto no peito, uma saudade instantânea de sua presença física, mas sabia que era necessário.

— Incrível — murmurou Shanera, fascinada. — Nunca vi nada parecido.

— A fauna de Neon é mais diversa do que imaginávamos — comentou Leiva, pensativa. — As algas, os sincrons, os mosquitos... e agora, Namos. Talvez haja mais segredos escondidos neste mundo do que jamais sonhamos.

— Mas o que faremos agora? — perguntou Fanare, a guerreira loira de olhos azuis. — Como entraremos no castelo?

— Vamos levá-la como prisioneira — respondeu Leiva, sua voz firme e decidida. — E quando estivermos bem próximas da Rainha, Emma usará as algas para atacá-la.

O plano era simples, mas arriscado. Olhei para as guerreiras, seus rostos tensos, mas determinados. Elas estavam prontas para lutar, prontas para arriscar tudo por um futuro incerto. E eu, a Salvadoras improvável, estava pronta para liderá-las.

— Mas e se as algas não a matarem? — perguntei, minha voz trêmula, revelando o medo que ainda me assolava. — Ou se ela puder controlar as algas mais do que eu?

— Teremos que confiar em você, Emma — disse Leiva, segurando minha mão com firmeza. — E em Namos. Vocês são a nossa única esperança.

— Mas se falharmos... — comecei a dizer, mas Leiva me interrompeu.

— Se falharmos, então você usará seu poder para nos libertar da nossa prisão eterna — disse ela, sua voz solene. — Nos liberte da imortalidade, Emma. Dê-nos a paz que tanto desejamos.

Suas palavras me atingiram como um raio, um peso que eu jamais imaginara carregar. A responsabilidade era imensa, o fardo da esperança de um mundo inteiro. Mas eu sabia que não podia recuar.

— Eu farei o meu melhor — prometi, minha voz carregada de determinação. — Lutarei com todas as minhas forças para libertar Neon e todas vocês.

E assim, com o coração cheio de coragem e incerteza, partimos em direção ao castelo da Rainha, prontas para enfrentar nosso destino e lutar pela liberdade de um mundo submerso em trevas.

Capítulo 7

A Rainha Revelada

Seguimos para o Castelo da Rainha, cada passo ecoando em meu peito como um tambor tribal, anunciando nossa chegada iminente. As paisagens de Neon, moldadas pela água em formas surreais e oníricas, se desenrolavam diante de nós. Rios que desafiavam a gravidade, fluindo em cataratas invertidas. Lagos que espelhavam o céu em tons de azul e verde, criando a ilusão de um mundo de ponta-cabeça. Formações rochosas cobertas por minerais luminosos, que brilhavam em tons de rosa e roxo, contrastando com a escuridão das profundezas. A beleza daquele mundo subaquático era inegável, mas também carregada de uma melancolia profunda, um lembrete constante da prisão em que todas nós estávamos confinadas. O ar, denso e úmido, carregava o aroma similar ao marinho, que era ainda mais forte perto das algas. Havia uma melodia distante que eu tinha a sensação de serem de criaturas desconhecidas, criando uma sinfonia sensorial que me envolvia por completo, despertando em mim uma mistura de fascínio e apreensão.

— Esses sons parecem ser de animais. Parecem gemidos, urros de dor ou lamento, como se viessem de bem longe. — Ao invés de perguntar, decidi expor minha sensação.

— Diferente da maioria dos planetas de onde viemos, Neon não é muito grande. Em relação ao planeta de onde vim, talvez não fosse sequer uma região. Não temos uma noção de análise científica, mas quando conversamos sobre isso, conseguimos imaginar que aqui pudesse ser um pouco maior do que a maioria dos satélites naturais que conhecemos. — Leiva explicava alguns detalhes e eu ficava fascinada, não só por ouvir sobre uma outra realidade, mas também por sua voz que agora já não era mais intensa e sim amistosa e envolvente. — Para próximo dos pólos, nas regiões mais geladas, o ar é quase cortante de tão veloz, e os ventos criados num movimento sinuoso contínuo nas estruturas congeladas criam esses ruídos que ecoam, não só pelo tamanho do planeta, mas pela baixa resistência que as ondas sonoras têm nessa atmosfera.

O conhecimento era algo que me encantava. Eu nunca fui uma pessoa que aprendia muito fácil, teorias, conceitos. Tinha muita dificuldade em guardar informações importantes e facilidade em lembrar bobagens. Mas enquanto Leiva explicava, parecia tudo tão simples, apesar de serem coisas tão complexas.

À medida que nos aproximávamos, o Castelo emergia no horizonte, uma maravilha arquitetônica que desafiava a lógica e as leis da física que eu conhecia. Suas torres e ameias eram esculpidas em água cristalina, cada gota pulsando com uma vida própria, como se houvesse algo controlando um fluxo contínuo criando paredes translúcidas. O reflexo de um dos Sóis, poente, tingia a estrutura de tons dourados e âmbar, criando um espetáculo de luz e sombra que

dançava sobre a superfície ondulante. Eu me perguntava, com um misto de admiração e incredulidade, como tal feito era possível neste reino subaquático.

Passamos por uma ponte suspensa sobre um rio caudaloso, suas águas cristalinas refletindo o céu crepuscular. Ao longe, o rugido de uma cachoeira ecoava pelas montanhas, um lembrete da força indomável da natureza. De repente, um grupo de mulheres surgiu na margem oposta, suas silhuetas imponentes se destacando contra o pano de fundo da paisagem. Leiva sussurrou para mim que eram as guardiãs da Rainha, lideradas por Natane, uma guerreira de pele acinzentada e olhos azuis profundos.

— Leiva — disse Natane, sua voz grave e autoritária cortando o ar como uma lâmina. — O que faz indo em direção ao Castelo?

— Natane — respondeu Leiva, sua postura ereta e seu olhar desafiador transmitindo uma confiança inabalável. — Se sua Rainha não te informou sobre os negócios que tenho com ela, não será eu quem dirá. Aliás, se as guardiãs estão indo na direção contrária do Castelo, significa que não é mesmo algo pra você saber.

Um silêncio tenso se instalou entre os dois grupos. As guerreiras do nosso grupo se entreolharam, apreensivas com a provocação. Natane, por sua vez, cerrou os punhos, seus olhos faiscando de raiva. A rivalidade entre as duas líderes parecia antiga, eu arriscaria dizer que alimentada por anos de competição e desconfiança mútua.

— Nossa Rainha nos deu folga — respondeu Natane, controlando sua raiva com esforço —, mas isso não nos impede de escoltá-las até a presença dela.

Leiva me olhou de relance, buscando minha aprovação. Eu sabia que um confronto direto com as guardiãs poderia comprometer nosso plano de elemento surpresa, mas também não podíamos permitir que elas alertassem a Rainha sobre nossa chegada. Nem eu ainda sabia se seria capaz de realmente fazer frente contra as guardiãs, numa batalha que ainda não tinha a mínima ideia de como lutar, ao certo. Acabei dominada pelo medo, com a constatação de que não estava preparada.

— Natane — disse Leiva, sua voz calma, mas carregada de um tom de desafio —, nosso assunto é com a Rainha, e somente com ela. Você realmente quer arriscar a ira dela por causa de uma simples curiosidade?

Natane hesitou, seus olhos se estreitando em desconfiança. Ela sabia que Leiva estava blefando, mas o medo de desapontar a Rainha parecia ser maior do que a necessidade de ficar por cima de Leiva.

— Que assim seja, Leiva — disse ela, finalmente, sua voz ríspida. — Mas se descobrirmos que você está tramando algo contra a Rainha, você pagará caro por isso.

— Se for para eu roubar seu cargo, você não poderá fazer nada a respeito — respondeu Leiva, com um sorriso irônico que escondia sua apreensão.

As guardiãs se afastaram, seus passos pesados ecoando na terra úmida. Um suspiro coletivo de alívio escapou dos lábios das guerreiras, mas a tensão ainda pairava no ar.

— Essa foi por pouco — sussurrei para Leiva, meu coração ainda acelerado pela adrenalina do confronto.

— Sim, mas a Rainha sabe algo sobre você, Emma — respondeu ela, seu olhar sério e pensativo. — Ela pediu sua cabeça, sabia que iríamos levá-la e ainda assim deu folga para as guardiãs. Parece que existe algo que não sabemos também. Precisamos ser cautelosas.

Suas palavras me deixaram apreensiva. A confiança que eu sentia momentos antes, alimentada pela simbiose com Namos, agora se esvaía, dando lugar a uma sensação de vulnerabilidade. Olhei para a tatuagem em meu braço, um lembrete silencioso da força que eu carregava dentro de mim.

— Não se preocupe, Emma — disse Leiva, tocando meu ombro com gentileza. — Nós vamos conseguir. Juntas, somos mais fortes do que qualquer obstáculo que a Rainha possa colocar em nosso caminho.

Suas palavras me confortaram, e eu senti a determinação de Namos fluir através de mim, me encorajando a seguir em frente.

— Você tem razão, Leiva — respondi, erguendo o queixo em desafio.
— Vamos acabar com essa tirania de uma vez por todas.

Andamos mais alguns passos e senti vontade de saber mais sobre o que acabei deduzindo do comportamento de Leiva e Natane.

— Algo tenso estava no ar entre vocês. Qual é a história?

— Não tem história nenhuma! — Leiva tentou desconversar.

— As duas sempre competiram em tudo, mas Natane, tão subserviente à Rainha, de uma fidelidade cega, de transparecer uma paixão reprimida, acabava sendo a preferida de Raquel, o que deixava Leiva em segundo plano. Acabou que ao invés de se tornar uma

guardiã, virou líder do segundo escalão, as protetoras do que não existe. — Fanare explicou deixando Leiva totalmente desconcertada, diferente de qualquer outra possibilidade de imaginação da minha parte sobre uma reação dela. Possivelmente havia mais naquela relação delas, que ficou claro, já havia sido próxima.

O Castelo da Rainha se erguia imponente diante de nós, suas paredes translúcidas ondulando como se respirassem, um lembrete constante da presença onipresente da água em Neon. A estrutura era uma maravilha da arquitetura orgânica, com torres e arcos que pareciam ter brotado do próprio oceano, moldados pela força e pela beleza da natureza. Mas, por trás daquela fachada deslumbrante, eu sabia que se escondia um coração de trevas, um poder que mantinha um mundo inteiro sob seu jugo.

— Leiva — perguntei, minha voz hesitante —, como entraremos? Não há portões, nem guardas...

— Os arpões — respondeu Leiva, seus olhos fixos na estrutura do castelo. — Eles têm algas na ponta. É com eles que as guardiãs movem as águas e abrem passagens.

— Mas como faremos isso sem os arpões? — questionou Anna, sua testa frouxa em preocupação.

— Emma — disse Leiva, voltando-se para mim com um olhar esperançoso —, você consegue controlar as algas. Pode abrir uma passagem para nós?

Senti um frio na barriga. Eu havia conseguido controlar as algas na gruta, mas será que meu poder se estenderia até as paredes do

castelo? Respirei fundo, buscando a força interior que Namos me proporcionava.

— Vou tentar — respondi, estendendo minhas mãos em direção à parede de água.

Concentrei-me, visualizando uma abertura naquela estrutura líquida. Senti a energia das algas fluindo através de mim, como uma corrente elétrica percorrendo minhas veias. A água começou a se agitar, ondulando e se retorcendo, até que, finalmente, uma passagem se abriu diante de nós, um portal cintilante que nos convidava a entrar.

As guerreiras me olharam com admiração e respeito. Eu havia provado meu valor, mostrando que era mais do que apenas uma prisioneira indefesa. Com um aceno de cabeça de Leiva, entramos no castelo, nossos passos ecoando nos corredores silenciosos.

O interior do castelo era tão impressionante quanto sua fachada. Paredes de água cristalina, esculpidas em formas orgânicas, criavam um labirinto de luz e sombra. Espécies de corais luminosos iluminavam os corredores, projetando padrões caleidoscópicos no chão e no teto. A sensação era de estar dentro de um sonho, um mundo mágico e surreal.

Mas a beleza do lugar não podia esconder a atmosfera opressiva que pairava no ar. A presença da Rainha era sentida em cada canto, um peso invisível que nos lembrava do perigo que nos aguardava.

— Ela está na torre principal — sussurrou Leiva, apontando para uma estrutura imponente que se erguia no centro do castelo. — Precisamos ser rápidas e silenciosas.

Avançamos pelos corredores, nossos passos leves e cautelosos. As guerreiras me flanqueavam, prontas para me proteger caso algo desse errado. A cada passo, a tensão aumentava, e eu sentia o coração de Namos bater forte em meu peito, ecoando meu próprio medo e determinação. Não sabia se isso era mesmo real ou apenas uma sensação psicológica.

Finalmente, chegamos ao topo da torre. A porta se abriu diante de nós, revelando um salão circular, iluminado por uma luz suave que emanava das paredes de água. E lá, no centro do salão, estava ela: a Rainha das Águas, Raquel.

— Finalmente vocês chegaram — disse ela, sua voz ecoando pelo salão, suave como uma brisa marinha, mas com um toque de aço. — Foi difícil escolher quem seria a contemplada?

Ela estava deslumbrante, vestida em um longo vestido azul escuro com tons de roxo, o tecido fluindo como água ao seu redor. Seus olhos azuis, frios e penetrantes, nos observavam com um misto de curiosidade e desdém.

— Tem razão — respondeu Leiva, sua voz firme e controlada. — No final das contas, escolhemos Anna.

A Rainha sorriu, um sorriso cruel que não alcançava seus olhos.

— Muito bem, então! Trato é trato! — A Rainha declarou, um sorriso cruel se espalhando por seu rosto. Ela ergueu as mãos, e um brilho sinistro emanou de suas palmas, como se estivesse convocando as profundezas do oceano para cumprir suas ordens.

Instintivamente, me lancei na frente de Anna, um escudo de carne e osso contra a ameaça iminente. Aliás, naqueles milésimos de segundo, foi a primeira vez que pensei se era mesmo feita disso. Como era meu corpo por dentro?

A alga, arremessada com a precisão de um dardo, atingiu meu rosto, queimando como ácido. A dor me fez cambalear, mas uma fúria dentro de mim queimou mais forte do que qualquer ferimento.

Com um rugido que ecoou pelas paredes do castelo, me lancei sobre a Rainha, minhas garras afiadas prontas para dilacerar sua carne. Ela tentou se esquivar, mas a simbiose com Namos me concedera uma agilidade incrível. Agarrei seu vestido, puxando-a para o chão e a prendendo sob meu corpo.

— Você não vai nos enganar, Raquel! — gritei, minha voz carregada de ódio e determinação. — Já descobrimos que seu título de Rainha não vale de nada.

Ela se debatia sob mim, seus olhos azuis ardendo de fúria.

— Ora, ora, a prisioneira resolveu se rebelar? — rosnou, tentando em vão se libertar de meu aperto. — Acha mesmo que pode me derrotar?

— Não estou sozinha! — respondi, sentindo a força de Namos fluir por minhas veias. — E não vamos permitir que você continue a escravizar este mundo!

Desferi um soco em seu rosto, o impacto ecoando pelo salão silencioso. A Rainha gritou de dor e raiva, seu rosto se contorcendo

em uma máscara de ódio. Ela tentou me empurrar, mas eu a agarrei com mais força, minhas garras perfurando sua pele.

— Você vai pagar por tudo o que fez! — gritei, enquanto desferia outro golpe.

A Rainha se debateu com mais força, e de repente, senti uma dor lancinante em meu abdômen. Olhei para baixo e vi uma lâmina óssea, afiada como um arpão, projetando-se de seu vestido e perfurando minha carne. A surpresa me paralisou por um instante, e a Rainha aproveitou a oportunidade para me empurrar para longe.

Caí no chão, o sangue jorrando da ferida, manchando a água cristalina ao meu redor e entrando no fluxo das paredes. A dor era excruciante, mas a adrenalina me mantinha consciente. Vi a Rainha se levantar, seu vestido se transformando em uma armadura óssea, seus olhos brilhando com um triunfo cruel.

— Tola! — ela zombou. — Você realmente achou que poderia me derrotar? Achou que só você poderia ter uma simbiose?

Nesse instante, Leiva saltou em nossa direção, seus movimentos rápidos e precisos como os de um tubarão. Raquel parecia muito confiante e nem percebeu a movimentação da guerreira. Enquanto a Rainha se virou, pensando em reunir as algas e atacar aquelas que considerou como rebeldes restantes, Leiva, furtivamente se abaixou, agarrou a lâmina óssea que ainda perfurava meu abdômen e, com um grito de guerra, a arrancou de meu corpo e a cravou no pescoço da Rainha, assim que ela voltou seu foco novamente para mim.

Um grito de agonia ecoou pelo salão, seguido por um silêncio mortal. A Rainha cambaleou para trás, seus olhos arregalados de surpresa.

Leiva a soltou, e a Rainha caiu no chão, sua armadura óssea, se quebrando e os pedaços caindo, deixando-a desprotegida.

— Komaru... — Aparentemente, o ser que revestia o corpo da Rainha a tinha protegido, mas a um custo. — Adormeça... Recupere suas energias.

A fúria de Raquel era palpável. Percebi que, assim como eu tinha uma ligação com minha simbiose, ela também possuía esse sentimento com aquele ser que só pudemos perceber detalhes. Entretanto, minha conexão, apesar de ser um elo muito poderoso, ainda era recente, já a dela parecia de longa data. Seu semblante estava diferente, num misto de ódio e frustração por ter permitido que aquilo acontecesse.

As algas modificadas, ainda controladas pela Rainha, se agitaram em fúria, seus brilhos alaranjados se intensificaram. Elas avançaram em direção a Leiva, prontas para vingar sua mestra atingida.

— Leiva, cuidado! — ainda consegui gritar, tentando me levantar, mas a dor era insuportável e apesar de parecer que meu ferimento se cicatrizava rápido, ainda perdia muito sangue.

Leiva se virou para mim, um sorriso triste em seus lábios.

— Corra, Emma! — ela gritou. — Salve-se!

As guardiãs, haviam retornado e lutavam com as outras guerreiras. Natane tentava se aproximar de Raquel, numa tentativa desesperada de ajudá-la, mas não conseguia se desvencilhar da batalha. Ainda que mais experientes e munidas dos arpões, estavam em desvantagem numérica e as guerreiras não seriam vencidas tão facilmente.

A Rainha, por sua vez, já nem percebia o que acontecia em seu entorno. Me considerando derrotada, seu único foco passou a ser Leiva.

Ainda que debilitada, ordenou que as algas atacassem e elas envolveram a guerreira. Seus raios de energia queimando sua pele. Leiva gritou de dor, mas não recuou. Ela lutou com todas as suas forças, mas as algas eram implacáveis.

Em um último ato de desafio, Leiva ergueu os braços em direção ao teto, convocando manipulando as águas do castelo para auxiliá-la. Eu tentei ajudar, não sei se meu poder realmente influenciou, naquelas condições, se realmente minha mente tinha alguma influência naquilo, mas uma onda gigantesca se formou, engolindo as algas, Raquel e a própria Leiva em um turbilhão violento.

Eu tentei me arrastar em direção aquele furacão de água, mas a dor me impedia de me mover.

Paredes de fogo verde se ergueram no lugar das paredes de água e começaram a se aproximar, como se o castelo estivesse sendo usado como uma arma, como se fosse se auto-destruir, esmagando em chamas, tudo dentro dele. O calor se intensificava a cada segundo.

Fechei os olhos, esperando o fim. Ouvi vozes das guerreiras, ouvi o som de confronto.

E então, houve um clarão. Uma explosão de luz e energia que preencheu o salão, cegando-me e me jogando longe.

Era a segunda vez que eu sentia o desespero e a dor simplesmente desaparecerem.

Capítulo 8

As Gigantes e as Mileniuns

Por um instante, tudo se apagou. Senti meu corpo sendo arrastado por uma correnteza invisível, como se estivesse flutuando em um rio de estrelas. Imagens fragmentadas e sensações desconexas inundaram minha mente, um caleidoscópio de cores e emoções que se misturavam e se transformavam em um ritmo alucinante.

Então, a escuridão se dissipou, e eu me vi deitada sobre uma superfície dura e fria. Abri os olhos, e um céu crepuscular, tingido em tons de violeta e laranja, se estendeu diante de mim. O ar era rarefeito, e a gravidade parecia mais leve, como se eu estivesse em um sonho.

Olhei ao redor, e um cenário de desolação se revelou. Estruturas gigantescas, provavelmente imponentes, outrora, agora jaziam em ruínas, cobertas por uma camada espessa de poeira e musgo. O vento uivava entre as pedras, carregando consigo o eco do que deveria ser um passado esquecido. Sombras se moviam na periferia da minha visão, e o som de passos pesados, como o de gigantes caminhando sobre a terra, me fez estremecer.

O medo me invadiu, um frio que se espalhou por todo o meu corpo. Onde eu estava? O que havia acontecido com Leiva e a Rainha? E

Namos, ele ainda estava comigo? Senti sua presença em minha mente, um conforto silencioso em meio à incerteza.

De repente, uma mão colossal me agarrou, erguendo-me do chão como se eu fosse uma boneca de pano. Olhei para cima e vi um rosto gigantesco, com olhos que pareciam tão diferentes, ainda maiores, desproporcionais do tamanho do rosto, que já era enorme. Ao seu redor, outras seis figuras imponentes surgiram da penumbra, seus corpos enormes e musculosos, apesar de silhuetas femininas. Suas expressões severas, mas curiosas.

— Você é a prometida? A Salvadora desse mundo? — A voz da gigante reverberou pelo ar, profunda e poderosa como um trovão distante.

— Meu nome é Emma — respondi, minha voz trêmula, mas firme. — E sim, me disseram que sou a Salvadora, apesar de eu mesma não acreditar muito nisso.. Mas... onde estamos? O que aconteceu?

A gigante me colocou sobre uma plataforma elevada, permitindo que eu observasse o grupo de gigantes que me cercava. Seus corpos eram colossais, com pelo menos seis metros de altura, e suas feições eram marcadas pelo tempo e pela experiência. Seus olhos, grandes e expressivos, me examinavam com uma intensidade que me deixava inquieta.

— Você ainda está em Neon, Emma — respondeu a gigante, sua voz mais suave agora. — E você se recuperou bem para alguém que morreu aqui. Vimos de longe o que fez no lago e como saltou para fora. Estou há 500 anos aqui e nunca tinha visto alguém fazer isso, nem mesmo a Rainha com o uso das algas, talvez fosse capaz.

— Meu nome é Creteas — continuou, apresentando-se e sorrindo pela primeira vez, seus dentes largos, mas bem alinhados. — Somos as Gigantes, e nos refugiamos aqui desde a chegada da Rainha, à espera da Salvadora Prometida. Não confiamos na Rainha, mas não queríamos nos tornar como as Mileniuns.

— As Mileniuns? — perguntei, confusa.

— São as mulheres que vivem neste planeta há mais de mil anos — explicou Creteas. — Elas transformaram este lugar em um local de paz e tranquilidade. Mas a chegada da Rainha trouxe caos e destruição, e elas se exilararam ainda mais ao norte, na parte congelada do planeta.

— E a Rainha... o que aconteceu com ela? — perguntei, meu coração acelerado pela ansiedade.

— Ela está morta — respondeu Creteas, sua voz grave.

Um calafrio percorreu minha espinha. A lembrança da luta, do sangue, da dor... tudo voltava à minha mente como um pesadelo.

— Mas... e Leiva? — perguntei, minha voz embargada pela emoção.

Creteas desviou o olhar, e um silêncio pesado se instalou entre nós.

— Não restou ninguém daquela batalha — disse finalmente, sua voz carregada de tristeza. — E como haviam algas envolvidas e não vimos o renascimento de mais ninguém ainda, não podemos saber ou dizer se alguma delas está ainda nesse planeta, como você, ou se fizeram a passagem.

Só agora eu assimilei aquilo. Eu morri e renasci no mesmo planeta. As outras poderiam passar pelo mesmo processo.

Olhei para as outras gigantes, seus rostos marcados por uma certa expectativa. Elas acreditavam em mim, na profecia, na possibilidade de um futuro melhor para Neon. E eu, apesar do medo e da incerteza, sabia que não podia decepcioná-las.

- Eu farei o meu melhor — prometi, erguendo o queixo em desafio.
- Se a Rainha renasceu aqui, vou derrotá-la. Por Leiva, por todas vocês, sendo Salvadora ou não.

Um grito de alegria ecoou entre as gigantes, que se abraçaram e celebraram a chegada de alguém que lhes parecia ser esperada por séculos. A atmosfera pesada se dissipou, substituída por uma onda de esperança e entusiasmo.

- Mas antes de qualquer coisa — disse Creteas, sua voz voltando ao tom autoritário —, precisamos levá-la para o Santuário. Lá, ela poderá descansar e se preparar para o que está por vir.

As gigantes me ergueram em seus ombros, e seguimos em direção ao tal Santuário, um lugar sagrado que eu ainda não conhecia. Enquanto caminhávamos, Creteas me contou sobre a história de Neon, sobre as guerras ancestrais que moldaram o planeta e sobre a chegada da Rainha, que trouxe consigo a tirania e a desesperança.

- Por séculos, lutamos contra ela — disse Creteas, sua voz carregada de tristeza e raiva. — Mas ela era poderosa demais, e suas algas modificadas nos impediam de vencê-la. Muitas de nós morreram, e as que sobreviveram se afastaram, esperando pela chegada da Salvadora da profecia.

— E as Mileniuns? — perguntei, lembrando da citação do nome.

— Elas se exilararam e criaram um lugar que batizaram de Reino Congelado — explicou Creteas. — Lá, elas vivem em isolamento, assombradas pelas memórias da guerra e pela perda de suas irmãs. Mas a profecia da Salvadora também chegou até elas, e elas aguardam ansiosamente por sua chegada.

— Eu irei até elas — prometi, sentindo uma determinação crescente em meu coração. — Preciso unir todas as mulheres de Neon para lutarmos juntas contra a tirania da Rainha.

Creteas sorriu, um sorriso que iluminou seu rosto severo.

— Você tem a coragem de uma verdadeira líder, Emma, ou a loucura — disse ela, rindo. — Espero que a força de uma guerreira, também. Que você consiga unir nosso povo e nos levar à vitória.

Chegamos ao Santuário, um complexo de cavernas esculpidas na rocha, iluminado por cristais luminescentes que cintilavam como estrelas. As gigantes me levaram até uma piscina natural, suas águas cristalinas convidando ao relaxamento.

— Descanse, Emma — disse Creteas, com carinho. — Você precisa recuperar suas forças para a jornada que a aguarda.

Mergulhei na água, sentindo a tensão deixar meu corpo. A simbiose com Namos me permitia respirar livremente, e a água me envolvia como um abraço reconfortante. Não sei se havia alguma substância diferente nessas águas, mas realmente pareciam levar a um relaxamento muito grande, como se meus músculos fossem

massageados. Fechei os olhos, permitindo que a paz daquele lugar sagrado me invadisse.

Mas a paz durou pouco. Em minha mente, a imagem de Leiva, cercada pelas algas da Rainha, me assombrou. Seu sacrifício, sua coragem, sua fé em mim... tudo isso me impulsionava a agir, a lutar, a cumprir meu destino.

Saí dali, determinada.

— Preciso ir até o Reino Congelado — anunciei às gigantes. — Preciso encontrar as Mileniuns e convencê-las logo a se juntar a nós.

Creteas e as outras gigantes trocaram olhares preocupados.

— O Reino Congelado é um lugar perigoso, Emma — advertiu Creteas. — As Mileniuns estão traumatizadas pela guerra e desconfiam de qualquer um que se aproxime.

— Eu imagino e entendo — respondi, meu olhar firme. — Mas preciso tentar. Elas são parte de Neon, e precisamos de todas as forças para derrotar a Rainha.

Creteas assentiu, reconhecendo minha determinação.

— Então, vamos — disse ela, colocando a mão em meu ombro. — Não a deixaremos sozinha. E que os Deuses Primordiais do Gelo nos guiem nessa jornada.

E assim, com um nó na garganta e o coração cheio de esperança e medo, partimos em direção ao Reino Congelado. A viagem foi árdua, porém parecia rápida, já que o tamanho de Neon era relativamente

pequeno e os passos das gigantes enormes. Creteas me carregava em seus ombros. Atravessamos paisagens desoladas, mas com um receio constante de perigos de um mundo desconhecido. As gigantes por muito tempo não se locomoviam de região. Com sua força e resistência, abriram caminho através de desfiladeiros rochosos e florestas petrificadas, enquanto as águas ao nosso redor se tornavam cada vez mais gélidas e sombrias.

Após dias de viagem, chegamos aos limites do Reino Congelado. Uma muralha de gelo, esculpida em formas pontiagudas e ameaçadoras, se erguia diante de nós, bloqueando a passagem. O ar era cortante, e o silêncio era quebrado apenas pelo som do vento uivando entre as fendas da construção, criando uma melodia fúnebre que gelava a alma.

— Este é o Reino Congelado — disse Creteas, sua voz grave ecoando na vastidão. — Lar das Mileniuns, as guerreiras mais antigas de Neon. E também as mais desconfiadas.

— Como entraremos? — perguntei, observando a muralha imponente, que parecia desafiar qualquer tentativa de aproximação.

— Elas vigiam tudo — respondeu Creteas, seus olhos perscrutando a imensidão branca. — Precisamos esperar que elas se mostrem.

A espera foi angustiante, cada minuto se arrastando como uma eternidade. O frio penetrava em meus ossos, e o silêncio opressivo me fazia questionar se havíamos tomado a decisão certa. Mas então, do topo da muralha, uma figura esguia e elegante emergiu, seus cabelos brancos como a neve contrastando com sua pele morena e seus olhos negros, profundos como o abismo. Ela nos observava em

silêncio, sua postura altiva e seu olhar penetrante, avaliando cada uma de nós com uma frieza que me fez estremecer.

— Quem são vocês? — perguntou ela, sua voz rouca e carregada de desconfiança, ecoando pela paisagem gelada. — E o que querem aqui?

— Como deve ter percebido, somos do grupo das Gigantes — respondeu Creteas, dando um passo à frente, sua voz retumbando como um trovão. — E trazemos conosco a Salvadora, Emma.

A mulher franziu o cenho, seus olhos se estreitando em suspeita.

— A Salvadora? — ela repetiu, com um tom de sarcasmo que cortava o ar gelado. — Já ouvimos essa história antes. Muitas vieram prometendo nos libertar, mas todas falharam.

— Emma é diferente — insistiu Creteas, sua voz firme e convicta. — Ela possui o poder de controlar as algas, de unir nosso povo e nos libertar da tirania da Rainha. Ela enfrentou Raquel e ainda está aqui, renascida.

A mulher permaneceu em silêncio por um longo momento, seus olhos negros me analisando, como se tentasse penetrar em minha alma e desvendar meus segredos. Finalmente, ela assentiu, com um gesto lento e solene.

— Que ela entre — disse ela. — Mas que venha sozinha. E se não acreditarmos que ela seja quem vocês dizem, ela não voltará.

Olhei para as gigantes, que me encorajaram com um aceno de cabeça. Respirei fundo e avancei em direção à muralha de gelo. A

mulher se afastou, abrindo uma passagem estreita que me permitiu entrar no Reino Congelado.

O interior era um contraste impressionante com o mundo exterior. Árvores de cristal, com folhas que cintilavam em tons de azul e verde, se erguiam em direção a um céu coberto por uma aurora boreal perpétua, suas luzes dançando em uma sinfonia silenciosa de cores vibrantes. Rios de luz líquida fluíam entre as árvores, criando um espetáculo de reflexos e brilhos que hipnotizavam os sentidos. Era um lugar de beleza que para mim era incomparável, mas também que parecia de uma solidão profunda, um refúgio para almas feridas e corações congelados pelo tempo.

Caminhei por entre as árvores, meus passos ecoando no silêncio. A cada passo, sentia o peso da responsabilidade sobre meus ombros. Eu era a esperança de um povo que havia sofrido por séculos, a chave para a liberdade de um mundo inteiro. Mas será que eu estava à altura da tarefa? A dúvida me corroía por dentro, um verme persistente que se alimentava de minhas inseguranças.

De repente, um grupo de mulheres emergiu das sombras, seus rostos marcados pelo tempo e pela dor. Seus cabelos eram brancos, e seus olhos pareciam opacos, como se a esperança tivesse se apagado dentro deles. Elas me cercavam, suas presenças espetrais me observando com uma curiosidade cautelosa.

— Quem é você? — perguntou uma delas, sua voz rouca e cansada, refletindo o que podia ser a exaustão de mil anos de espera. — O que quer aqui?

— Meu nome é Emma — respondi, minha voz firme, apesar do tremor em minhas mãos. — E eu... eu sou a Salvadora.

Um murmúrio percorreu o grupo, algumas mulheres se entreolhando com descrença, outras com um lampejo de esperança em seus olhos, como brasas reacendendo em um fogo quase extinto.

— A Salvador? — repetiu a mulher que havia me permitido entrar, sua voz agora carregada de ceticismo. — Muitas já vieram com essa promessa, mas todas nos frustraram.

— Eu não acreditei, também. Na verdade, ainda duvido. Sou alguém que sempre foi tão frágil, tão dependente. Mas as coisas que aconteceram... — respirei fundo, meu olhar fixo no dela, transmitindo uma sinceridade excessiva arriscada — Eu vim para libertar Neon, para unir o povo e acabar com a tirania da Rainha.

— Belas palavras — disse outra mulher, sua voz amarga como o vento gelado que soprava entre as árvores de cristal. — Mas palavras não curam feridas, nem trazem de volta aqueles que perdemos.

— Eu sei — respondi, sentindo a dor delas ecoar em meu próprio coração, a lembrança da minha própria perda ainda fresca em minha mente. — Eu também perdi tudo o que amava. Mas não podemos deixar que a dor nos consuma, que nos impeça de ter fé.

— Como podemos acreditar em você? — perguntou uma terceira mulher, sua voz carregada de desconfiança. — O que te faz diferente das outras?

Respirei fundo, buscando as palavras certas.

— Eu não tenho todas as respostas — admiti, — mas tenho a determinação de lutar por este mundo, por todas vocês. E tenho algo que as outras não tinham: a força da simbiose.

Ergui meu braço, revelando a tatuagem de Namos. As Mileniuns se aproximaram, seus olhos arregalados de surpresa e curiosidade.

— Ele é Namos — expliquei, sentindo o calor de sua presença em minha pele. — Ele é meu companheiro, minha força, minha sabedoria. Juntos, podemos enfrentar a Rainha e libertar Neon.

Um murmúrio de espanto percorreu o grupo. A simbiose era algo raro e poderoso, uma lenda que muitas delas só conheciam através de histórias antigas. A presença de Namos em meu braço era um sinal tangível da profecia, uma prova de que eu poderia ser a Salvadora que tanto esperavam.

— Mas a Rainha... — começou a mulher de cabelos brancos, sua voz trêmula. — Ela é poderosa. Tem um exército de guardiãs e controla as algas modificadas. Como podemos enfrentá-la?

— Não será fácil, na verdade eu já a enfrentei e sei disso, — admiti, — mas não podemos desistir e eu já pude perceber muito dela.. Precisamos unir nossas forças, as Gigantes, as guerreiras, todas as mulheres que pudermos reunir de Neon. Juntas, podemos desafiar a Rainha e criar um futuro de liberdade e esperança. Certamente, ela já deve estar de volta ao seu Castelo.

Minhas palavras ecoaram no silêncio da floresta de cristal, carregadas de uma convicção que eu mesma não sabia de onde vinha. Talvez fosse a influência de Namos, sua coragem e determinação se misturando às minhas. Ou talvez fosse a chama da esperança que se acendia nos olhos das Mileniuns, um fogo que ameaçava derreter o gelo que aprisionava seus corações.

Aquela que parecia a que tinha uma maior liderança no grupo, a que mais conversou comigo, deu um passo à frente, seus olhos negros brilhando com uma intensidade renovada.

— Você tem razão, Emma — disse ela, sua voz agora firme e decidida.
— Por muito tempo, nos escondemos na sombra do medo, nos agarrando às lembranças de um passado que não podemos recuperar. Mas a sua chegada nos lembra que a esperança ainda existe, que a luta pela liberdade ainda vale a pena. Meu nome é Darca e vamos com você.

Ela se virou para as outras Mileniuns, seu olhar transmitindo um sinal de resistência que se espalhou pelo grupo como luz.

— Irmãs — disse ela, sua voz ecoando pela floresta —, chegou a hora de deixarmos o passado para trás e lutarmos por um futuro melhor. Chegou a hora de nos unirmos à Salvadora e enfrentarmos a Rainha. Chegou a hora de libertarmos Neon!

Um grito coletivo ecoou pelo Reino Congelado, quebrando o silêncio de séculos. As Mileniuns, antes reclusas e desesperançosas, agora se erguiam como uma força unida, prontas para marchar em direção ao castelo da Rainha e lutar pela liberdade de seu mundo. E eu, Emma, a Salvadora improvável, me encontrava no centro daquele turbilhão de esperança e determinação, pronta para liderá-las em uma batalha que definiria o destino de Neon?

Capítulo 9

Uma Nova Batalha no Castelo

Darca, a anciã de cabelos prateados e olhar perspicaz, emergiu da névoa que envolvia o Reino Congelado. Seus olhos, apesar de marcados pelo tempo, brilhavam com uma intensidade que contrastava com a palidez de sua pele. Atrás dela, um grupo de Mileniuns a seguia, seus corpos esguios e ágeis deslizando sobre o gelo com a graça de patinadoras.

Creteas, a imponente gigante, aguardava com um misto de ansiedade e apreensão. A visão daquelas mulheres, que por tanto tempo se isolaram do mundo, despertava nela uma mistura de esperança e temor.

— Darca — a voz de Creteas ressoou pela vastidão gelada, quebrando o silêncio secular. — É uma honra recebê-la de volta ao mundo.

— Creteas — respondeu Darca, sua voz rouca, mas firme. — O tempo do isolamento acabou. A Salvadora chegou, e nós responderemos ao seu chamado.

Um murmúrio de aprovação percorreu o grupo de Mileniuns, seus olhos brilhando com uma chama de esperança que há muito se apagara. A promessa de um futuro livre da tirania da Rainha parecia ressoar em seus corações, despertando uma força adormecida.

Darca, com um olhar determinado, nos conduziu para fora dos limites do Reino Congelado. O contraste entre o branco imaculado daquele local e as cores vibrantes do restante de Neon era impactante e chocante para os olhares de quem por tanto tempo permaneceu longe daqueles cenários.

Quanto mais seguiam, mais a paisagem se transformava, revelando a diversidade e a beleza do planeta. Rios cristalinos serpenteavam por entre vales verdejantes, cachoeiras despencavam de penhascos rochosos, com um espetáculo de luzes criados por cristais que brotavam nas laterais das planícies que se desenhavam como estradas na maré baixa.

Por esse trajeto que se abria, o caminho se via menos desafiador, porém as Mileniuns, apesar de sua sabedoria e experiência, ainda se adaptavam às mudanças de ambiente, pelo longo período de isolamento. Eu me esforçava para auxiliá-las, quando percebia que alguma tinha dificuldade, principalmente com a luz ou com a velocidade que utilizávamos para nos locomover.

Durante a jornada, Darca compartilhou comigo histórias sobre o passado de Neon, sobre a chegada e a ascensão da Rainha Raquel. Contou sobre a época em que as Mileniuns governavam o planeta, guiando o povo com união e justiça.

— Éramos guardiãs do equilíbrio — disse Darca, com um suspiro nostálgico. — Mas a ambição e a sede de poder de Raquel corromperam as estruturas desse mundo quando ela chegou, mergulhando Neon em uma era de trevas.

— Mas agora você está aqui, Emma — interrompeu uma Milenium chamada Elara, seus olhos brilhando com esperança. — A profecia se cumpriu, e você nos guiará de volta à luz.

Senti o peso da responsabilidade em suas palavras. Eu não era uma líder nata, mas a força de Namos e a confiança das Mileniuns me impulsionavam. Crescia uma convicção de que eu poderia libertar Neon, esse sentimento se fortalecia em meu coração.

A jornada era longa, mas a cada dia que passava, mais mulheres se juntavam ao grupo. Guerreiras de diferentes clãs, atraídas pela promessa de liberdade e pela esperança que a Salvadora representava, se uniam à marcha, formando um exército de resistência.

Existiam desde pequenos grupos, como tribos, até maiores comunidades, que já nos esperavam, com a notícia que ia se espalhando. Aos poucos todos os cantos daquele pequeno planeta já estavam cientes do que estava acontecendo.

Quando nos aproximamos do castelo, a tensão aumentou. O ar estava carregado de uma energia palpável, uma mistura de medo e esperança que se intensificava. Eu estava à frente da multidão, carregando os anseios de todas ali, uma angústia e uma dúvida sobre saber se algo diferente do que acreditavam ser seu destino eterno, realmente seria possível.

Mas eu não estava sozinha. Namos me fortalecia com sua sabedoria e coragem. As gigantes, com sua força e lealdade, pareciam prontas para me proteger de qualquer ameaça. E as Mileniuns, com sua experiência e conhecimento demonstraram uma gana por conseguir o que lhes fora prometido.

O castelo da Rainha se erguia diante deles, imponente e ameaçador, mesmo parecendo uma estranha fonte em ruínas, como um monstro adormecido pronto para despertar. As paredes de água, outrora cristalinas, agora estavam turvas e escuras, refletindo a aura sombria que emanava de seu interior. A atmosfera era pesada, carregada de uma aura que me causava uma sensação estranha.

— Ela nos espera — sussurrou Darca, seus olhos negros fixos na fortaleza. — Raquel está lá dentro e sabe que estamos aqui.

Engoli em seco, o medo se misturando à determinação em meu peito. Apertei o passo, guiando as Mileniuns e as gigantes através dos portões do castelo, que se abriram diante delas como se fossem movidos por uma força invisível. Dessa vez não fui eu quem precisei movimentar as paredes.

O interior do castelo se tornou um labirinto de corredores escuros e salões vazios. A água que antes fluía livremente pelas paredes agora estava estagnada, criando uma atmosfera claustrofóbica e opressiva. O silêncio era quebrado apenas pelo som dos passos do grupo e pelo gotejar constante de pequenos escapes que saiam das paredes.

— Onde estão as guardiãs? — perguntou Creteas, sua voz grave ecoando pelos corredores vazios.

— Será que elas não voltaram para cá? Teriam tempo de ter retornado ao encontro de Raquel, primeiro do que nós — foi o que consegui pensar, mas aquela expectativa parecia tenebrosa. Senti um calafrio percorrer minha espinha. Certamente, a Rainha havia se preparado para o confronto, e nós estávamos entrando em uma armadilha. Mas não havia tempo para hesitar. Leiva e as outras guerreiras podiam ainda estar em perigo, e eu tinha uma promessa a cumprir.

— Precisamos encontrar Leiva — disse firme, apesar do medo que sentia. — Raquel pode ter preparado algo.

Subimos as escadas em espiral que levavam à torre principal. Algumas das gigantes não conseguiram continuar esse caminho, que era muito estreito e permaneceram no andar inferior.

Ao chegarmos ao topo da torre, o salão circular, estava iluminado por uma luz fraca que emanava das paredes de água, refletindo a luz de um dos Sois. No centro do salão, Leiva estava presa a um pilar de gelo, seus braços estendidos e seu corpo coberto de feridas. Seu rosto estava pálido, e seus olhos, antes vibrantes, agora estavam opacos e distantes.

— Leiva! — gritei e corri em sua direção.

A Rainha Raquel emergiu das sombras, um sorriso cruel curvando seus lábios.

— Bem-vinda, Emma — disse ela, sua voz gélida como o gelo que aprisionava Leiva. — Vejo que trouxe companhia.

— Solte-a, Raquel! — Minha voz carregada de raiva. — Isso não é uma batalha justa!

— A guerra não se vence com justiça, Emma — respondeu a Rainha, com um olhar de desprezo. — Se vence com poder. E eu tenho mais poder do que você jamais poderá imaginar.

Raquel ergueu as mãos, e as águas do salão se agitaram, formando ondas que se chocavam contra o que ainda existia de paredes e do teto. As algas modificadas brilharam com uma intensidade ameaçadora, prontas para atacar.

— Preparem-se para morrer, rebeldes! — gritou a Rainha, sua voz ecoando pelo salão como um trovão. — Neon será meu para sempre!

Um rugido de fúria ecoou pelo salão, e as gigantes se lançaram ao ataque. Creteas, com sua força descomunal, desferiu um golpe devastador contra a parede de água que protegia a Rainha, abrindo uma brecha na defesa. As outras gigantes aproveitaram a oportunidade, avançando com fúria e determinação.

As Mileniuns, ágeis e silenciosas, se esgueiravam pelas laterais, evitando os ataques das algas modificadas e lançando suas armas improvisadas contra a Rainha. Dardos de gelo, lascas de cristal e espinhos de coral voavam pelo ar, criando um espetáculo mortal de luz e cores.

Eu estava no centro do caos, tentava controlar as algas, buscando uma forma de desestabilizar o poder dela. Mas as algas modificadas, corrompidas pelo controle de Raquel, resistiam aos meus comandos, criando um escudo impenetrável ao seu redor.

— Namos! — Chamei em minha mente, buscando sua força e sabedoria. — Preciso de sua ajuda!

— Concentre-se, Emma! — respondeu Namos, sua voz calma e firme em meio à tempestade. — Sinta a energia das algas, a vibração de suas consciências. É assim que funciona a simbiose. Elas são todas conectadas. Se você incorporou uma, pode ter o controle de todas. O poder da Rainha não é incorporado como o seu. Elas não estão com ela, estão conosco. Mas só você pode conseguir isso.

Fechei os olhos, respirei fundo. Concentrei-me na energia das algas, sentindo sua vibração, sua força vital. E então, enxerguei. Uma falha

na barreira de algas modificadas, um ponto fraco que Raquel não havia percebido.

Com um movimento rápido, direcionou minha energia para aquele ponto, rompendo o escudo protetor da Rainha. As gigantes e as Mileniuns aproveitaram a oportunidade, seus ataques agora atingiram Raquel com força total.

A Rainha cambaleou para trás, surpresa e furiosa. Seu vestido se transformou em uma armadura óssea, e seus olhos brilharam com uma intensidade maligna.

— Vocês não vão me derrotar! — ela gritou, sua voz parecia um trovão. — Eu sou a Rainha de Neon!

Mas suas palavras eram vazias, sua confiança abalada. A união das gigantes e das Mileniuns era uma força que ela não podia conter. Ela buscava conduzir as algas, mas elas já não respondiam.

Com a força de Namos, saltei em direção à ela e desferi um golpe certeiro em seu rosto. Raquel gritou de dor, sua armadura óssea se partiu sob o impacto. Sua expressão passou de surpresa para dor, mas ela não emitiu nenhum som.

A batalha se intensificou, uma mistura de golpes, gritos e técnicas de movimento que eu nem imaginava possíveis, entre ataque e defesa. As guerreiras lutavam com bravura, mas a Rainha, mesmo ferida, era uma oponente formidável e conseguia se desvencilhar. Ela, então, saltou para trás e abriu os dois braços.

De repente, um forte barulho de movimento de águas, como de uma represa se abrindo, se iniciou e o grito das mulheres lá fora nos fez

correr para ver o que acontecia, deixando Raquel de lado. Ao redor da torre havia uma sacada, por onde nós saímos.

De cima do topo da torre fluía uma enorme queda d'água que se dirigia até o povo de Neon. Parecia uma gigantesca cachoeira. A intenção da Rainha, dessa forma, parecia ser a de atingir todas as mulheres ali reunidas, de uma só vez.

— Esse era o plano dela, então? E nós caímos? — Questionou uma das milenares para sua líder.

— Acho que sim, era o plano... Se nós caímos? Eu não sei... Caímos, salvadora? — Darca virava-se para mim com um olhar de esperança serena, quase que plena, de que eu faria alguma coisa.

Uma ideia veio em minha cabeça e eu apenas pulei no meio das águas. As algas controladas pela Rainha estavam lá e começaram a me atacar novamente, como da outra vez, me queimavam. Até que tudo começou a parecer ficar em câmera lenta. Eu me concentrei novamente e dessa vez parecia que eu tinha descoberto a forma correta de sintonia. Aos poucos consegui que as algas tomassem outro caminho e a água praticamente parou no ar, prestes a atingir todo o povo ali reunido.

Minha mente ficou leve. Acho que o fato de ter morrido e voltado me deixou mais calma, acreditando que mesmo sofrendo uma dor intensa, eu seria capaz de me recuperar. Eu comecei a pensar o quanto mais eu não sabia daquele planeta, o quanto mais eu não sabia do que eu era capaz. Comecei a sentir a água, além das queimaduras das algas que me atacavam, além do que tocava meu corpo. Senti toda a água espalhada por aquele planeta e cada alga viva, talvez milhões. Eu as senti e as chamei, com meu pensamento.

Em pouco tempo, enormes turbilhões de água, vindos do mar, se formavam, subindo ao mais alto do céu e caindo na minha direção. Dentro deles, uma quantidade semfim de algas, que vinham em minha defesa, destruiu as controladas pela Rainha, algumas até mudaram de atitude, saindo definitivamente do controle dela.

Foi então que um grito de fúria de uma voz grave se fez mais alto do que qualquer um podia imaginar.

Não parecia que tinha se propagado com ondas sonoras, parecia que estava em minha cabeça. Na cabeça de todas, eu podia ver, mesmo dali a reação delas. As algas também mudaram sua atitude, eu sentia que elas lutavam para continuar o que faziam, mas tinham outras ordens agora. Elas tentavam me dizer, eu sentia suas dores.

O movimento da água voltou a se direcionar para as mulheres e eu comecei uma luta dentro de minha mente para tentar ser mais forte, como uma queda de braço de energia. Eu comecei a subir por dentro da união dos turbilhões de água. Fui mais alto e mais alto, controlava algumas algas, mas o poder contrário era muito forte. E de cima, conseguia enxergar mais o semblante de tristeza de cada uma ali, de desesperança. Até que avistei, na outra ponta do castelo, Raquel e as guerreiras. Estavam todas ali, amarradas e Leiva agora estava presa numa lança, que estava praticamente fincada em seu pescoço. Mas a Rainha parecia vencida, de joelhos. Não era ela quem disputava comigo, mais. Aquele grito, era uma voz masculina. Não havia nenhum homem naquele planeta. Esse poder não vinha de perto. Como poderia alguém tão poderoso existir, a ponto de fazer isso?

As algas, então, passaram a se direcionar também para as Mileniuns e para as guerreiras voltando para o Castelo. Naquele momento eu

percebi que Leiva olhava diretamente para mim. Ela tentava me dizer uma coisa. Queria que eu entendesse algo, mas eu não conseguia. Tentei pensar e a memória da promessa que fiz a ela me veio como resposta. A vitória não estava em viver. A vitória não estava em prender a Rainha. A salvação ali não era permanecer em Neon. Meu semblante de assustada fez ela perceber que eu tinha entendido e ela acenou positivamente com a cabeça, o suficiente para o sangue que já saia do pequeno orifício causado pela lança presa nela, jorrar mais forte.

Quem quer que estivesse por trás disso provavelmente não imaginava que eu iria descobrir que era um blefe. Quando ordenei que as algas atacassem todas as mulheres ali, que esse era o certo, a mudança de ordem da outra ponta não chegou a tempo.

Todo aquele vale do Castelo se tornou um oceano e cada mulher ali foi tocada por uma alga, uma por uma. Logo, elas foram também entendendo. Não havia dor. Aquele era o momento da libertação. As gigantes se ajoelharam, grandes e pesadas demais para flutuarem e as Mileniuns se atiraram nos vórtices criados pelo movimento das algas. Todas iam desaparecendo.... Inclusive as guerreiras e, por fim, a própria Raquel. A água foi escoando, de volta para seu fluxo natural, refazendo rios em direção ao seu ponto inicial de onde vieram e eu me via ali, sozinha.

Fui cercada, ainda um pouco submersa, por algumas algas, que reconheci como as que me transformaram de uma garota assustada em uma salvadora.

— Não podemos matá-la, salvadora! — Dizia a voz que vinha delas, em minha mente. — Você cumpriu seu destino. Agora não sabemos o que será do seu futuro.

— Cumprir um destino e ainda ter futuro, parece ser algo bastante recompensador — respondi, apesar de satisfeita por tudo ter acabado, pela constatação de que provavelmente libertei o povo de um planeta, mas claro que com a sensação de ser a naufraga presa sozinha numa ilha que era um planeta inteiro, para todo sempre.